

O PAULISTA, NA VÉSPERA DA NOVA AVENTURA.



AS INDEFINIÇÕES DO NOVO PREFEITO.



O abstrato prefeito eleito

Se os velhos e sábios mineiros do PSD, mestres na arte de sair pela tangente, tivessem lido a entrevista que o prefeito eleito, sr. Pedro Fávoro, deu à revista Mercado em Revista (n.º 2) teriam tido oportunidade de regalar-se com um festival de evasivas realmente de fazer inveja a qualquer Benedito Valadares.

Como o prefeito eleito erigiu em norma só responder a pergunta por escrito, à revista restou a alternativa de publicar as respostas na íntegra, sem ter a possibilidade de, entre uma pergunta e outra, entre uma resposta e outra, tentar o diálogo mais aprofundado, mais esclarecedor. Aliás, a boa técnica da entrevista, que o sr. Pedro Fávoro parece abominar, exige um diálogo, e não um monólogo. E o diálogo só pode nascer durante a conversa do repórter com seu entrevistado, já que as respostas, geralmente, atraem outras perguntas, e das perguntas saem novas respostas, e é dessa dinâmica que nasce a boa entrevista. Mas o sr. Fávoro, como ele mesmo diz, **prefere responder por escrito, já que "as palavras perdem-se, os escritos permanecem"**.

À parte a veia poética do sr. prefeito eleito, e a condescendência da revista, que afirma que ele "se esquivou habilmente" de algumas perguntas, quer nos parecer, **data vênica**, que ele se esquivou habilmente de todas.

Atribuir sua vitória apenas "ao espírito de luta de nossos companheiros", embora louve o esforço dos que o ajudaram e gratifique a equipe que trabalhou para ele, demonstra logo na primeira resposta, a determinação de guiar-se pelas evasivas. O prefeito eleito poderia ter-se aprofundado mais na procura das verdadeiras causas que contribuíram para a sua vitória. Ele mesmo proclamava, nos comícios eleitorais, que era "o MDB dentro da Arena". Ele, melhor do que ninguém, sabe que existia na cidade uma situação insustentável provocada por uma administração calamitosa. E que ele se apresentava como uma alternativa



Os pensamentos do nosso novo prefeito

Pedro Fávoro, seus planos, suas tendências, suas ideias.

entrevista
EXCLUSIVO

A entrevista decorre antes de tudo da vontade de saber. A única finalidade da entrevista é a de obter informações sobre o entrevistado. Não se trata de uma entrevista de propaganda, mas de uma entrevista de informação. Como que não é, precisamente, o que se espera de uma entrevista que não seja apenas um texto lido?

Mercediano — As entrevistas que se esperam costumam expor os grandes problemas da administração. Como seriam elas?

PF — Os valores do administrador devem estar voltados para o futuro, mas os problemas atuais devem ser resolvidos. Como que não é, precisamente, o que se espera de uma entrevista que não seja apenas um texto lido?

Mercediano — O sr. pretende dar à sua administração uma orientação muito diferente da atual?

PF — Cada administração tem seu peculiar momento de atuar. Não temo o futuro da cidade e nem a situação administrativa. O sr. pretende dar à sua administração uma orientação muito diferente da atual?

Mercediano — Qual deverá ser seu primeiro movimento administrativo, após assumir o cargo?

PF — Deixar a mão livre para que cada um faça o seu trabalho. Não temo o futuro da cidade e nem a situação administrativa. O sr. pretende dar à sua administração uma orientação muito diferente da atual?

para por um fim aos desmandos, embora fosse uma alternativa mais tênue, mais conservadora do que outras candidaturas, que pregavam novas opções. Mas bem sabe o sr. Fávoro que foi eleito porque era **contra** a situação vigente, embora repugne ao seu temperamento usar palavras tão fortes. Principalmente depois que elas já renderam os dividendos eleitorais devidos.

Ao dizer que "os olhos do administrador devem estar voltados para o futuro", ou que "desenvolveremos todos os esforços no sentido de programar nosso trabalho e cumprir a tarefa que o povo nos delegou", ou ainda, "um município é como uma família, uma grande família", o sr. prefeito eleito está apenas dando trânsito a expressões vagas, sem consistências, sem definições, e que podem ser comparadas, guardadas as devidas proporções, às já antológicas entrevistas dos futebolistas antes de um jogo importante: "tudo faremos, o adversário é

Primeiro passo: conhecer a situação.

Mercediano — Quando o empresário para a rede vira foi convidado, o sr. senador Orestes Quercia declarou que todos os futuros prefeitos de Jundiáí seriam malditos. O sr. concorda? Por quê?

PF — Não concordo com essa afirmação. No entanto, não posso negar que a situação atual é muito grave. O sr. concorda? Por quê?

Mercediano — Quando o empresário para a rede vira foi convidado, o sr. senador Orestes Quercia declarou que todos os futuros prefeitos de Jundiáí seriam malditos. O sr. concorda? Por quê?

PF — Não concordo com essa afirmação. No entanto, não posso negar que a situação atual é muito grave. O sr. concorda? Por quê?

Mercediano — Quando o empresário para a rede vira foi convidado, o sr. senador Orestes Quercia declarou que todos os futuros prefeitos de Jundiáí seriam malditos. O sr. concorda? Por quê?

Mercediano — O sr. como irmão da Faculdade de Medicina, tem conhecimento da atual situação? Qual é a atitude que pretende tomar a respeito?

PF — Como já afirmo, só após conhecer a situação atual é possível tomar qualquer atitude. O sr. concorda? Por quê?

Mercediano — Em nível nacional, o sr. concorda com a opinião de que o sr. senador Orestes Quercia, de quem o povo está em condições de escolher o Presidente da República, é um político muito sério?

PF — Também em política pública não há nada de novo sob o sol. O sr. concorda? Por quê?

Mercediano — Como o sr. encara a possibilidade de transferir a administração da cidade para o senador Orestes Quercia?

PF — Não concordo com essa afirmação. No entanto, não posso negar que a situação atual é muito grave. O sr. concorda? Por quê?

difícil, será uma partida dura", etc.

A cidade que o elegeu, por certo não esperava, por vários motivos, entre os quais o de já conhecê-lo e o de ter votado nele, que o sr. Fávoro assumisse postura de um ferrabrás e saísse deitando fogo pelas narinas, a denunciar os desmandos da administração atual. Não é de seu temperamento, já se sabe. Mas também tinha o direito de esperar um pouco mais do que um bem cuidado acervo de lugares comuns cuidadosamente distribuídos ao longo da entrevista, de maneira a deixar patente a mais absoluta indefinição sobre qualquer problema que as perguntas que lhe foram submetidas tentaram levantar.

Quando lhe perguntaram, por exemplo, o que achava daquela famosa frase que o senador Orestes Quercia disse logo depois da aprovação pelo Senado do empréstimo para o sistema viário, ("Serão malditos os futuros prefeitos de Jundiáí"), o sr. prefeito eleito

respondeu:

"Não concordo com essa afirmação. Na minha opinião só serão malditos os prefeitos que fizerem do governo um instrumento de opressão e de angústia, que semearem a discórdia e o ódio no seio do povo, que se servirem do poder ao invés de usarem o poder para servir". E vai adiante, reprisando palavras que lhe são tão caras, como "coragem"; "humildade", "dedicação", "amor", como se de um administrador não houvesse outras qualidades a exigir. Não será com essas louváveis virtudes que o administrador, por mais sábio que seja, haverá de resgatar uma dívida que onera o município em 400 milhões de cruzeiros e compromete o seu futuro. E ao dizer que os futuros prefeitos de Jundiáí serão malditos, o senador Quercia evidentemente se referia a um fato muito concreto, que é a gigantesca dívida. Mas o sr. prefeito eleito, ao lançar mão de seu arsenal de lugares comuns, passa ao largo de qualquer referência mais concreta à dívida, para deter-se em generalidades e indefinições.

Às perguntas mais específicas sobre os planos de sua administração, o sr. Fávoro respondeu também genericamente, usando o derivativo do "estamos aguardando fatos mais concretos".

Para esquivar-se de uma pergunta sobre eleições diretas, o sr. Fávoro chegou ao requinte de dizer que "não deve o sapateiro ir além dos chinelos".

Enfim: durante as três páginas da entrevista, o sr. prefeito eleito esquivava-se, por escrito, de qualquer definição sobre qualquer problema.

Neste momento, a cidade tem o direito de parafrasear o prefeito que ela elegeu: estamos aguardando fatos mais concretos: ou pelo menos, palavras mais concretas. Esperamos que, ao assumir o cargo, o sr. Pedro Fávoro substitua a sua coleção de substantivos abstratos por uma ação mais concreta.

Equipe J2a

De: Murilo R. Viotti. Para: Ibis Cruz.

A matéria "A cidade vai mal de saúde", publicada no número passado deste semanário, começou a ter repercussão na cidade, fato do qual se beneficiará a população, principal vítima da situação anômala por que passam os serviços médicos locais, especialmente aqueles ligados ao Hospital São Vicente e, conseqüentemente, à administração pública desse setor.

Chegou-nos à mão uma cópia xerográfica do relatório do médico dr. Murilo Rodrigues Viotti, datado de 14 de maio de 1976 e dirigido ao prefeito Ibis Cruz quando do seu afastamento da Diretoria do hospital. Esse relatório, segundo se comentou na época, estaria repleto de denúncias seríssimas à administração imposta pelo prefeito àquela casa de saúde e somente não foi tornado público porque vivíamos o período pré-eleitoral e não

era intenção do seu autor conotar politicamente um documento que tinha finalidades de ordem exclusivamente profissional. Apesar disso, soubemos que diversas cópias do relatório foram entregues a várias pessoas — um vereador e um historiador, entre elas —, o que nos permite depreender que estava implícita pelo menos a expectativa de que o documento fosse divulgado publicamente, já que as denúncias incluíram o secretário da Saúde Arnaldo Martins dos Reis, candidato do prefeito.

Na verdade, o relatório do então diretor-clínico do Hospital São Vicente é muito mais uma extensa lista de lamúrias contra todo um estado de coisas que o relator alinha sob o título de "Problemas surgidos e obstáculos encontrados" e que vão desde a instalação do Hospital Santa Rita de Cássia, fato que

"troux", como decorrência, a saída de médicos que lá foram trabalhar e a saída de funcionários que ocupavam postos-chaves em nossa organização, os quais, escolhidos a dedo pelos médicos que até então trabalhavam conosco, para lá foram, com salários que não pudemos acompanhar", até considerações, de certo modo cheias de compreensão, sobre o atual diretor-administrativo, de quem o autor do relatório fala: "Talvez por falta de experiência nesse setor, o Sr. José Antonio Bertoni passou a interferir em algumas atribuições médicas, reunindo-se frequentemente com a Chefia de Enfermagem e tomando determinadas deliberações, particularmente em relação às visitas do Hospital, sem sequer discutir conosco".

Sabendo-se, como se sabe que qualquer "problema surgido e obstáculo encontrado"

decorrente da ação de médicos pertencentes ao grupo "Jundiáí Clínicas" somente iriam engrossar o rol dos pretextos que o prefeito sempre pretendeu encontrar para "sobamizar" o Hospital, e sabendo-se, como se sabe, que "a falta de experiência nesse setor" do sr. José Antônio Bertoni sempre foi conhecida, se não avalizada, pelo prefeito, nesses itens — pelo menos — o relatório é inócuo,

se não favorável a respeito daquilo que o alcaide desejava ser notificado.

Existem, contudo, itens importantes sobre os convênios do hospital com o INPS e sobre a utilização de funcionários ali lotados para o trabalho das Unidades de Serviço.

Esses tópicos serão motivo de análise, em nossa próxima edição.

Equipe J2a.

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 — tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue

O FRACASSO DAS ELEIÇÕES INDIRETAS

Um governador acuado por críticas e denúncias de corrupção, rondando militares e escalões federais em desesperada tentativa de salvar-se. Outro acusado publicamente de realizar negociatas com terrenos da capital de seu Estado. Outro atacado por empregar 22 parentes em cargos da administração estadual. Um ex-governador envolvido diretamente em incontáveis casos de corrupção e escândalos administrativos. E, nos Estados que governam, dias e dias de tensão política e de uma angustiante espera: cairia sobre as cabeças dos acusados a pesada espada do AI-5? Haveria renúncias? Intervenção federal?

Essas imagens, refletidas com detalhes nas páginas da grande imprensa do País, durante toda a semana que passou, parecem ter sido duros golpes nos argumentos dos eternos críticos das eleições diretas. Pois, depois de tudo isso, quem terá coragem de afirmar que a eleição indireta, a escolha feita nos bastidores, é uma garantia de que apenas homens capazes, sérios, íntegros e dinâmicos cheguem à direção dos governos estaduais?

Basta um pequeno esforço de memória, e um mínimo de objetividade, para se chegar à conclusão de que esse tipo de escolha fracassou largamente. Leon Perez, indicado em 70 para governar o Paraná, acabou forçado a renunciar em 71, por

corrupção. Cortez Pereira, da mesma época, conseguiu completar impune seu mandato, para terminar cassado recentemente pelo presidente Geisel, também por corrupção. Cristiano Dias Lopes Filho, eleito indiretamente em 66, no Espírito Santo, só agora está sendo acusado na Justiça pela corrupção que implantou no Estado.

Dos governadores indicados em 70, com base nas articulações e listas feitas pelo então presidente da Arena Petrônio Portela, três estão ameaçados: Nunes Freire, do Maranhão; Elcio Álvares, do Espírito Santo; e Garcia Neto, do Mato Grosso.

Além desses exemplos negativos mais marcantes, teriam as eleições indiretas produzido pelo menos alguns exemplos opostos? Isto é, durante todo esse tempo, seria possível que surgiu nos governos estaduais algum administrador de elogiáveis virtudes, algum líder consagrado popularmente por sua obra política e administrativa?

A resposta só pode condenar as eleições indiretas. E rebater os argumentos dos que não se cansam de repetir que a população ainda não está preparada para escolher seus governantes.

"Não há método infalível para escolha de um bom chefe de Estado", diz o ex-presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Aliomar Baleeiro. E completa: "Qualquer um pode dar certo ou levar ao abismo".

Além disso...

Comentando as denúncias de corrupção que atingiram vários governos estaduais, o deputado federal Herbert Levy (Arena-SP) lamentou que "a Revolução, infelizmente, não tenha apontado sua mira contra a corrupção municipal". Levy disse que conhece casos de quatro prefeitos paulistas responsáveis por atos de dilapidação do patrimônio público, que continuam impunes. E conclui:

— A não punição de prefeitos corruptos representa omissão da Revolução. Há prefeitos corruptos no MDB e na Arena, que devem ser punidos para que tais exemplos não se reproduzam.

Muito louvável a preocupação do deputado com a corrupção. O que não se entende é por que, em vez de ficar esperando providências da Revolução, o deputado não cumpre o seu dever e denuncia ao povo e à Justiça os tais casos que diz conhecer?

As memórias de guerra do general De Gaulle serão editadas pela Biblioteca do Exército.

O ministério da Fazenda já fixou as datas para entrega, este ano, das declarações do Imposto de Renda. Para quem tiver imposto

a pagar, até o dia 4 de abril. Para os isentos, até 5 de maio.

O ex-governador (Pernambuco) e ex-deputado Etelvino Lins começou a escrever seu livro de memórias.

Uma Editora da Paraíba, a Aquarius, pretendia lançar brevemente no mercado (Rio e São Paulo, sobretudo) uma série de antologia da literatura de cordel. A primeira será sobre o cordel erótico. Para ela, o editor Adalberto Barreto já criou um neologismo: pornocordel.

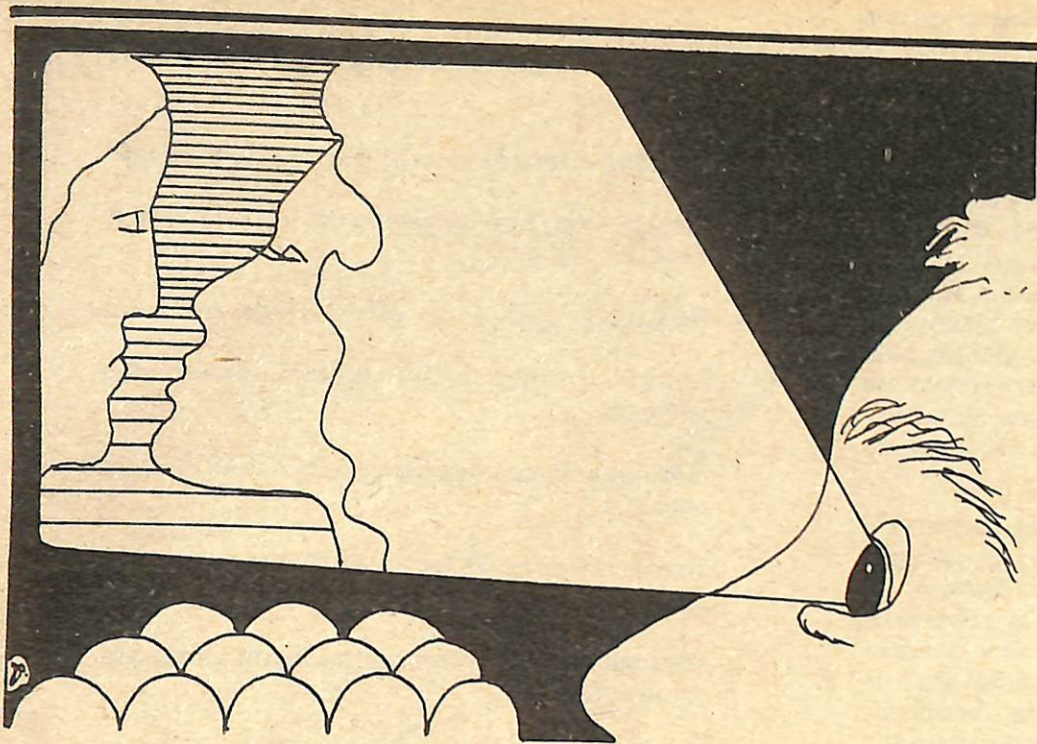
História contada pelo político e escritor paraibano José Américo de Almeida ao repórter Nicodemus Pessoa, colaborador do Jornal de 2a., que o entrevistou recentemente:

Havia na Paraíba um irmão de João Pessoa, o general Aristarco Pessoa, famoso entre os soldados por ser autoritário e violento. Certo dia entra na sala do general um praça, tímido, nervoso, desajeitado. Tenta bater continência e os calcanhares, mas desequilibra-se e quase cai ao chão.

O general levanta os olhos da mesa e pergunta, furioso:

— Que é isso? Está bêbado ou doido?

E o praça, morrendo de medo: — Estou doido, general, estou doido...



Um programa "big"

Desliga um pouco a tevê, abaixa um pouco o som do estéreo e sinta aqui perto que eu vou contar como é que era antigamente, no tempo em que Giacomo Venchiarutti (veja o J 2a. da semana passada) e seus sócios eram os donos do Politeama, do Ideal e do República.

Primeiro, a gente ia ver o "footing" das garotas, no trecho da rua Barão entre a São José e a Engenheiro Monlevade. Tinha "footing" às terças, quintas, sábados e domingos, mas o bom mesmo era sábado e domingo.

Então né, as moças ficavam passeando pela calçada, ao som do serviço de alto-falantes da "Rex Jornal" e os rapazes só ali, vendo o vai-e-vem. De repente, tcham, uma garota olhava pra você, você fazia uma gracinha pra ela, na volta ela sorria pra você, você fazia outra gracinha pra ela, até que lá pras oito horas (da noite, é lógico), você se atrevia e ia conversar com ela. Ela e mais uma amiga saíam da fila do "footing" e iam encontrar você fora daquele trecho, mas sempre na Rua Barão: ou mais pra cá, em frente da "Paulicéia", ou lá pros lados do quartel. Às vezes, no jardim da Praça Marechal Floriano.

Você conversava bobagens, enquanto virava a correntinha do seu chaveiro que estava presa ao passador do cinto da calça de linho 120, ela ria e olhava pra colega dela, que também ria e ajeitava a saia godê sob a qual havia a anágua engomada que te obrigava a manter uma distância de pelo menos quarenta centímetros delas duas.

Conversa vai, conversa vem, você marcava um encontro com a garota, na matinê do Politeama, no próximo domingo. E à uma e meia da tarde do domingo você já estava lá.

Na matinê, o esquema era ao contrário do "footing" da praça: as garotas ficavam sentadas e os rapazes zanzavam pelos corredores da sala de projeção, sempre de botuca na poltrona ao lado da garota, normalmente vazia e "ocupada" com alguma coisa (estola, chale, bolsa), o que significava que estava reservada pra você.

Às duas horas começava a tocar uma marcha marcial, as luzes começavam a se apagar e era a hora de você tomar o seu lugar ao lado da garota. Se você fosse o que hoje se chama de "auto-confiante", de cara você já pegava na mão dela. Se você não era tão atrevido assim, passava a sessão toda do cinema só roçando o braço no braço dela, ou cochichando coisas no ouvido dela — sobre o filme, natural-

mente — e aproveitando pra sentir o perfume "Tabu" que ela usava discretamente atrás da orelha e que seria a marca das suas evocações, durante os dias em que vocês iriam ficar sem se ver, até o próximo "footing".

O programa da matinê tinha um documentário realizado pelo DIP — Departamento de Imprensa e Propaganda —, onde aparecia o presidente Getúlio Vargas e seus ministros inaugurando obras que colocariam o Brasil entre os principais países desenvolvidos do mundo. E o presidente sorria, sempre sorria. Depois do documentário, tinha um desenho animado do Gato Félix, ou da Betty Boop, ou um desenho musicado da Terry Toon Melodies com bichos cantando e tocando na mais insólita das orquestras, enquanto as flores e as casas dançavam.

Dai, vinha o seriado: "Besouro Verde", "Flash Gordon no Planeta Congo", "A Deusa de Jobá", do qual passavam apenas um capítulo que sempre terminava com o mocinho explodindo pelos ares, mas que no domingo seguinte dava tempo dele pular fora antes da explosão. Finalmente, vinha o filme de faroeste, com Hoppalong Cassidy, Charles Starret, Tim Holt ou Randolph Scott. Nesses filmes havia sempre uma mocinha, e um grupo de vaqueiros amigos do mocinho que, a certa altura do filme, cantavam músicas de caubói e que o cinema todo vaiava. Menos você, que estava pouco ligando pro filme: seu negócio era afaçar a mão da garota, às vezes roubar uma bicoca rápida pra evitar que o lanterninha viesse clarear a sua poltrona, ou que Mário Buzanelli viesse impor sua autoridade de Oficial do Juizado de Menores. Afora esses obstáculos de ordem legal-disciplinar, você tinha que enfrentar os obstáculos mais íntimos da moda: o enchimento das ombreiras do vestido da garota, todo o emaranhado de uma absurda armação de arame que o organdi suíço escondia, a tal anágua dura como pedra e barulhenta como o diabo, sem contar as ombreiras do seu paletó, que poderiam se soltar a qualquer instante da luta e que cairiam pela manga, indo parar no colo da garota, o maior vexame.

Como, filhinho? Se o papai era bandalho? Nada! É igual hoje você pegar o seu Fusca e bandear pelaí. Mas vamos fazer uma coisa. Em vez de entrar em muito detalhe, liga a tevê, aumenta o som do estéreo e tudo bem, tá legal?

Erazé Martinho

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

434.8648

"Hoje, domingo, estamos de folga. Portanto, o capítulo de "Ilusão" não será apresentado, já que o elenco está com seu descanso semanal. Terça-feira, a Bob Papas Productions voltará a apresentar: "Ilusão", a novela que já conquistou o centro da cidade". (Papagaio (?), numa coluna humorística (???) do Jornal da Cidade de 9/1)

"Alguém sabe dizer o que é que está acontecendo com certos cronistas? O que eles devem ter encucado é que, se o Millôr escreve daquele jeito, com aquela facilidade, eles também podem... Vai daí que a coisa está ficando de dar pena. Como cronistas até que não eram dos piores não. Dava pra se ler com certo prazer. Mas, desde que partiram para a linha de humorismo (humor????!!), como a gente dizia nos tempos de menino, não dá pra sorrir nem coçando o sovaco". (Sylas (?), mesmo jornal, mesma edição, página 4)

"Alunos fracos sempre entraram na universidade. Não podemos nos recusar a recebê-los, nossa função é justamente tentar corrigir suas deficiências, já que não podemos modificar a estrutura do ensino de segundo grau. E é esta justamente a função do ciclo básico: um curso de introdução ao nível superior". (Professor Miranda Delgado, vice-reitor comunitário da Universidade Gama Filho, Jornal do Brasil de 8/1)

"O problema do livro é que aqui no Brasil vende muito, mas tem mais editoras do que livrarias e mais escritores do que leitores". (Fernando Sabino, Última Hora do Rio, 8/1)

"A campanha da televisão afirma que todo derrotista é um chato. Em seguida, convoca o cidadão a ter mais confiança em si, assim as coisas vão melhorar. Com o custo de vida subindo a cada semana, com as restrições aumentando a cada dia e a correção monetária dominando a praça, certamente teremos um aumento do número de chatos no País. O otimista, na época de hoje é, acima de tudo, um burro". (José Natal, Correio Braziliense, 7/1)

"O curso de Educação Física seria indicado mais para homem e, se existe um maior número de mulheres, é devido ao maior tempo que elas dispõem, por serem mais dependentes que o ho-

mem". (Djalma Del Prá, formando de Educação Física, Jornal de Jundiá de 5/1)

"Nunca o estilo forense foi tão engrandecido quanto ao tempo de Ruy. Além da veemência, traço específico da linguagem do jurista excepcional, há nele a pureza do vernáculo. Haverá algo que ultrapasse a "Oração aos Moços", que não é um articulado, nem um libelo, mas uma página lírica de exposição da melhor doutrina de que pode precisar um advogado ao dar os primeiros passos na carreira que abraçou". (Matias Arrudão, artigo publicado no Jornal da Tarde, 5/1)

"Infelizmente, o mestre inconfundível está sendo esquecido. Suas campanhas já não são lembradas. Educadas na leitura das histórias em quadrinhos, sem base doutrinária, as novas gerações deixam-se levar no rumo dos acontecimentos. Não têm culpa de mercantilização dos cursos de direito, nem mesmo ainda, do chorri-lho de leis elaboradas em função de interesses imediatistas, consequentemente causticas, as quais passam hoje da casa dos cem mil". (Mesmo artigo)

"Parece incrível, mas, segundo o presidente do Paulista, essa colaboração de que tanto o clube precisa está sendo realizada por pequenas firmas e algumas casas comerciais". (Jornal de Jundiá, 9/1, sobre a indiferença das grandes indústrias locais com respeito à situação do Paulista F.C.)

"Mandamos daqui um recado ao nosso bom amigo Walderley Pires, agora no comando do tricolor: não entre no jogo dos que pretendem, com falatório diário, transformar o Paulista num esquadrão. Falar muito sobre o mesmo assunto, além de cansar os que ouvem, ainda causa desconfiança e até indiferença. Continue trabalhando em sigilo, nada divulgando antes da concretização dos negócios". (Don Casmurro (?), Jornal da Cidade, 6/1)

"Os homens não podem ser divididos em "invejosos" e não. Todos nós, de fato, sofremos as tentações deste vício, pois todos desejamos o que não temos e alimentamos uma certa hostilidade contra os mais "sortudos". (Silvana Rossman, Correio Braziliense)

Espátula é uma cidade grega onde os pintores duelavam.

Lentilha é uma historinha que se conta devagar.

Perícia é um tipo de espionagem feita pelos índios.

Barbatana matou todas as suas mulheres.

Equânime é uma tropa de cavalos absolutamente iguais.

Impingem é uma estátua egípcia toda cheia de manchas.

Ganância é o ruído feito por cães mortos de fome.

Machado de Assis é uma ferramenta muito usada no Interior.

Bordel é uma literatura imprópria para menores.

Cambraia é a contração de tecido muscular.

Ventrículos são pessoas que falam ao coração.

Zíper é um famoso golfinho da tevê, que nada de cima pra baixo e vice-versa.

Poraquê é um biscoito que dá choque.

Prole é uma carruagem rústica que passa de pai para filho.

Panacéia é uma espécie de doce para todos os males.

Mácula é uma enorme mancha que aparece no pescoço dos condes.

Arabescos são complicados aumentos no preço do petróleo.

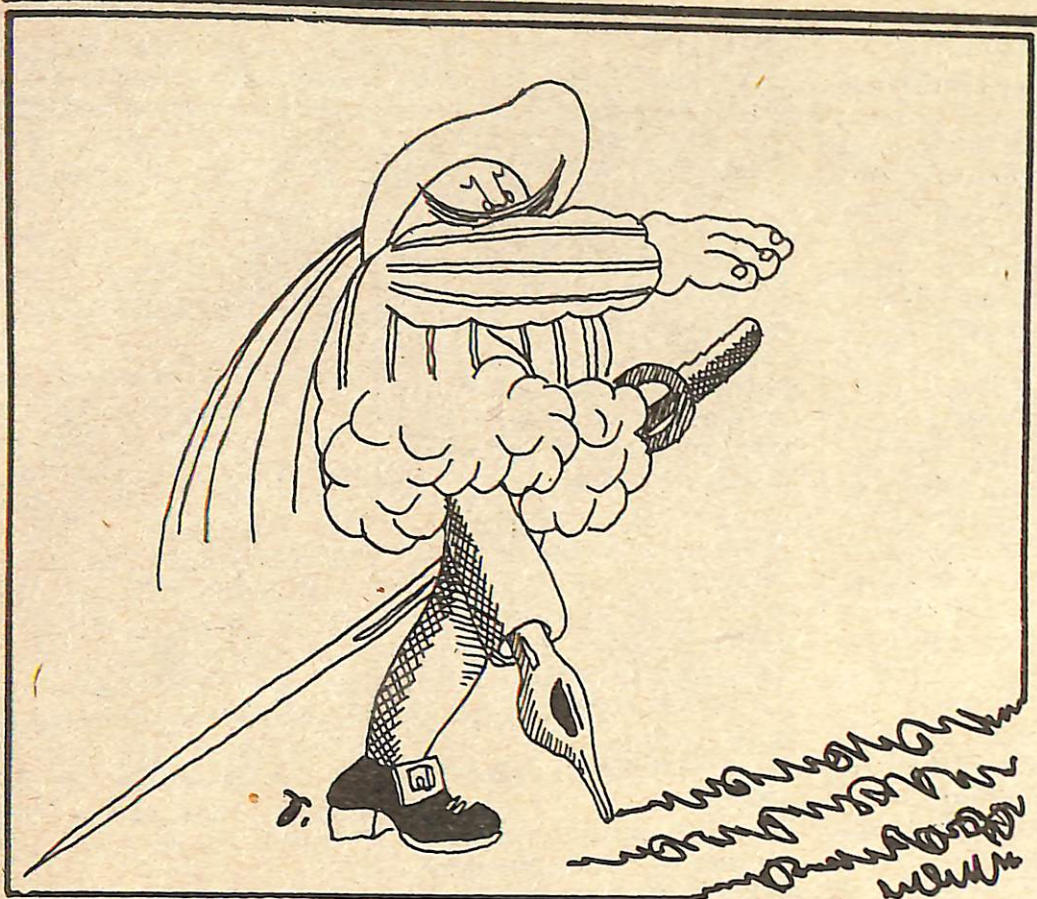
Galhofa é uma farinha ridícula.

Saldanha da Gama é um peixe também conhecido como "namorado".

Zarteu

INTERVALO PARA O INTERVALO





CARTA A EL REY (II)

El Rey:

Como bem houvera dito em anterior missiva, posto-me à vossa real presença para trazer-vos tão fiel relato quanto possível de nossas andanças por tão estranhas plagas, onde não vosso servos encontrado sobejas razões de reiterado espanto, do que era passo a vos dar conta, em tantas minúcias quanto possíveis.

Presenciamos aqui, não sem indifereçável opróbrio e porque não dizer, prenhes da caridosa indignação cristã que nossos antepassados legaram às gentes de nossas terras, o perpassar de coletivas bacanais nas quais o delírio coletivo das populações atingiu píncaros dantes insuspeitos, e dos quais acredito não possa Vossa Majestade fazer a mais pálida das idéias.

Faz-se mister retornar, ainda que brevemente, às referências da missiva anterior, quando este vosso humilde oferecimento de pessoas numeradas qual artigos de compra e venda, em diabólicas aparições através de um aparelho, que mais tarde vim a saber popularizar-se por aqui sob a alcunha de tevê.

Pois eis que veio a saber mais tarde este vosso fiel sevidor, que tão estranho oferecimentos tinha por fim propiciar às gentes daqui, a escolha de pessoas que iam dirigir-lhes os destinos através do pleito onde cada qual em cabine escura e fechada, indicava, através da nomenclatura do nome ou do número, o seu — eles o chamam assim — representante.

Após jornada festiva e deveras alvissareira, na qual fere-se o assim chamado pleito, cidadãos para isso designados, passam a contar, um a um, os papeluchos onde as gentes designaram os seus creio que rostos, ou números preferidos. Tão estranho procedimento finda com a proclamação dos chamados eleitos, seres que passarão a falar por outros seres, em recintos a tal coisa designados.

Como tudo que sucede nesta terra, as pessoas numeradas também eram parte de duas facções, cada uma das quais inimigas da outra, e ao que se pode deprender, irreconciliáveis. Qual não terá sido o nosso espanto, ó preclara Majestade, ao verificarmos que, contados os papeluchos um a

um, após estafantes jornadas, as duas mortalmente inimigas facções, proclamam em alto e bom som, e aos quatro ventos, as suas vitórias. Há de perguntar Vossa Majestade: e se ambas venceram, a que motivos atribuir a luta de uma contra a outra? Eis aí majestade, um dos imperscrutáveis mistérios destas terras e destas gentes.

Outra estranha demonstração de tão inexplicável procedimento, deu-se em outro evento ao qual todas as gentes dedicaram as suas atenções e para o qual se movimentaram de forma deveras inusitada. Como afirmo no relato onde homens de camisas coloridas e calças curtas degladiam-se com outros vestidos de maneira semelhante, embora de cores diversas, polariza as atenções destas gentes de maneira frenética e no mais das vezes assustadora.

Eis logo após o chamado pleito, onde todos foram vencedores, ainda que inimigos, outra batalha feriu-se, desta feita entre as facções desportivas. Os objetos de tão apaixonados contendidos eram duas facções de diferente regiões do país, e a julgar pelos preparativos que precederam a liça, centenas de cadáveres, no mínimo, iriam juncar os campos de batalha.

Finda a tão acalorada pugna, não só não se contaram cadáveres, como — fato mais estranho — os que as leis do desporto consideraram como irremediavelmente derrotados, saíram às ruas em alegres magotes, comemorando em bacanais pagãs e cantando a vitória que não houveram!

Acreditará vossa majestade que este vosso servo esteja a endoidar, enviando relatos carentes de verdade, mais foi o que vi e é do que posso dar fé.

Tomo a liberdade de aconselhar, pois, a Vós e à Corte, a imediata translação para estas plagas, pois que todos haverão de gozar aqui as delícias da ausência do sentimento de derrota. Se as intrigas palacianas insistirem, como vêm querendo fazer, em destronar Vossa Majestade e real família, aconselho-vos que, para cá acorram uma vez que aqui inexistem, pelo que pude notar, vencedores e vencidos.

Humildemente Vosso

Sandro Vaia

I
Quando morre um grande amigo, um pouco de nós desaparece com ele. A morte de Inajar de Souza, amigo e companheiro de trabalho na reportagem do Jornal da Tarde, nos abateu profundamente. O "Plantão" dessa semana, dedicado a ele, é a nossa humilde última homenagem, ad perpetuum rei memoriam.

II
Inajar de Souza, repórter. Essa foi a sua última atividade profissional, desde fins de 1967 até março de 1976, quando a doença fatal o afastou da redação.

Eu me lembro muito bem: dei-xei para tirar as férias justamente em março do ano passado e Inajar nos emprestou seu apartamento na Praia Grande. Enquanto eu descia a serra, de férias, ele viajava — no mesmo dia — para fazer a cobertura de um encontro nacional de secretários da Segurança Pública, em Brasília.

Em princípios de abril, ainda me restavam alguns dias de férias quando fui chamado, em casa, pela chefia de reportagem: um menino de 4 anos, o Guto, havia sido sequestrado em Dracena, interior de São Paulo, levado para outro estado, e seus sequestradores exigiam um resgate de 4 milhões de cruzeiros. Convidado a interromper as férias, minha primeira reação foi perguntar: "e o Inajar?". Está doente, informaram-me. Doente?"

III
Fui à sua casa, imediatamente, e encontrei um Inajar abatido, diferente daquele Inajar sempre alegre, muito bem disposto. O que teria acontecido? Enquanto ele era submetido a alguns exames médicos, eu me recordo daquela noite em que eu voltei à redação do JT, ainda na rua Major Quedinho, e o então chefe de reportagem, Woile Guimarães, bloqueou a minha entrada. Com fisionomia grave levou-me para o andar térreo e ali, numa espécie de ilha em frente ao Hotel Jaraguá, Guimarães me informou, entre lágrimas, que Inajar era um homem condenado.

IV
Poucos sabiam o que realmente havia com ele. Assim, em conjunto, e em contato com os médicos, surgiu a estória de uma doença tropical, contraída em uma de suas viagens à Amazônia.

V
Saibam todos que são nessas horas, principalmente, que conhecemos os verdadeiros amigos. Foi uma longa imobilização, uma ausência de muitos meses, confinado em sua própria casa ou no Hospital Oswaldo Cruz e, por último, no Hospital Santa Cruz.

VI
Polícia era o seu ambiente de trabalho, porque Inajar era repórter policial. E eu lamento informar que foi de lá, e não de seus companheiros de trabalho, que partiram — sempre — as maiores demonstrações de solidariedade. Mas é muito bem

verdade, também, que o pequeno e solidário grupo de amigos esteve sempre presente, até os últimos momentos, satisfazendo as suas mínimas vontades. Foi permanente a atenção de um Laerte, de um Júlio, de uma Evelyn; foi constante o apoio — em todos os sentidos — da família Mesquita.

VII
Eu não poderia deixar de transmitir agora, alguns agradecimentos especiais, que tenho certeza Inajar gostaria de fazer. Ele comentou isso comigo, muitas vezes, e eu faço questão de agradecer a atenção de algumas pessoas. Atenções especiais, que o próprio Inajar me citou: Laerte Fernandes ("grande cara esse Pimpão, não Perci?"); Evelyn Schulte ("essa menina é um amor"); Júlio Moreno ("rapaz correto, decente, atencioso e muito competente"); coronel Salvador Daquini, comandante do Comando de Policiamento de Choque e tenente Chiati, também desse Comando...

(Daquino, quando você fez aniversário e fez questão de mandar uma viatura levar-lhe doces e salgados, e um amável cartão, Inajar não comeu nada. A emoção foi tão forte. Ele chorou muito, lágrimas de gratidão. Daquino e Chiari: Inajar os considerava como pessoas de sua própria família).

... coronel Torres de Melo, comandante geral da PM ("ele me doou sangue, vou sair daqui com sangue de milico"); coronel Erasmo Dias, secretário da Segurança ("fiquei muito contente por o Tonhão ter me visitado"); Luloian, do Departamento de Tráfego do jornal ("sabe quem me visitou hoje, Perci? O Lula!!!).

São essas pessoas, principalmente, que deram a Inajar uma atenção muito especial durante todo o período de sua enfermidade. Obviamente, isso não significa que outras pessoas não tenham se dedicado a ele. Mas, digamos, essas pessoas citadas tinham por ele uma atenção full-time.

VIII
No ano passado, Inajar me pediu uma Bíblia, e a marcação de alguns "textos interessantes". Não sei quais desses textos ele considerou mais significativos. Mas sei que sua principal preocupação era ter sempre atitudes corretas, fazer o bem (por reportagens, ações pessoais e doações materiais), como dizia "apanhar o travesseiro e dormir tranquilo". Talvez ele desconfiasse, tivesse suspeitas da sua doença. Mas uma conversa que ele teve, em 1975, com Cláudio Vilas Boas, ficou gravada em sua mente. Um dia, na selva, Cláudio e Inajar conversavam sobre o medo. Inajar perguntou a ele: o que é medo?

— Gostaria de responder com palavras de Krishnamurti, afirmou Cláudio: medo é algo irreal, que não existe. O medo se funda em algo que não se conhece. Por que temer algo que não se sabe o que é? Medo é negatividade.

Inajar me contou isso e eu recortei e guardei essa reportagem.

Desapareceu um grande repórter, um grande amigo. Um pouco de nós se foi com ele.

Percival de Souza



ZONA FRANCA

COMOVIDO

Sr. Achei comovente a homenagem prestada por esse semanário ao ilustre jundiáense de coração Giacomo Venchiarutti. Parabéns também pela capa do n.º 81. I. Picarelli.

A homenagem é justa. Os parabéns pela capa, também: ficou boa mesmo.

Sr. Se a minha mãe escrever para esse jornal falando mal da Vila Maria Luiza não acreditem. A lagoa da frente da minha casa é a coisa mais legal do bairro, por causa desse calorão que

está fazendo. Não assino meu nome que é pra não dar bandeira. Um filho de morador da Vila.

Muito bonito, hem, seu filho da Vila. A mamãe enfrentando a lama e você se refestelando. Parece criança, sô!

Sr. Gostaria que vocês viessem aqui na Vila Maria Luiza para ver a situação das ruas e das...

Desculpe, dona, mas achamos que foi engano. Ou melhor: por falta de espaço. Ou ainda: deixa a molecada, dona.

OS ÔNIBUS DE FAROL ACESO

Sendo leitor assíduo desse semanário — é o único jornal daqui da terrinha que eu leio — venho pedir um favor, esperando que os senhores possam me atender.

Por que os ônibus agora têm de ficar com o farol aceso durante o dia? Mar-
co A. Chalana.

Trata-se de uma ordem de serviço do DNER, obrigando os motoristas dos ônibus interestaduais a não controlarem mais o farol baixo e as lanternas vermelhas da traseira, que ficarão acesos mesmo durante o dia. O sistema será obrigatório a partir de 1.º de fevereiro, mas algumas empresas decidiram antecipá-lo. Segundo as explicações de autoridades do setor, a medida ajuda a aumentar a segurança do transporte interestadual.

AS PREVISÕES DE MADAME ZULEIKA

“Excelente a entrevista com a professora Zuleika. Li há dias e continuo rindo. Parei só para escrever a vocês. Continuem, por favor” R.S.

Pretendemos, apesar da turma da numerada coberta.

“Um reparo à página com a professora Zuleika (acho que já sei quem é

ela...): por que tripudiar em cima do Coríntians? Está certo escrever coisas engraçadas, etc. e tal, mas gozar de Zé Maria (“o jogador dará um salto mortal e morrerá diante da Fiel”), da Elisa (“o aniversário da torcedora-símbolo”) é demais. O Coríntians merece mais respeito, pois é mais que um time, é...” Anônimo.

Calma, calma, rapaz (ou rapariga?). A professora Zuleika também é coríntiana, mas sabe como é, são as bolas de cristal do ofício.

Li a página da professora Zuleika e guardei, para conferir no fim do ano que vem. Se ela não acertar todas as previsões, cancelo minha assinatura desse jornalco aí”. Aristóteles de Mantova.

A professora Zuleika responde:

“Meu querido, se você cancelar a assinatura deste jornalco (sic), eu não acerto todas as previsões”.

CHUVAS DE VERÃO

Sr. Venho reclamar pelo jornal que tenho um processo protocolado na Prefeitura (n.º 2324, de 1966) e até agora não fui atendido.

Moro na rua Carlos Gomes, 1757. Em frente a esse número a Prefeitura ficou de fazer uma galeria que até agora não foi feita. Quando chove é uma lameira e prejudica a casa. É preciso que

eles tomem uma providência. Benedito da Silva.

Está registrada a queixa, Benedito. Quem sabe se o novo prefeito resolve o seu caso. Afinal, pela data do protocolo, é coisa do tempo dele.

NOVO PRESIDENTE

Sr. O Gabinete de Leitura “Ruy Barbosa” tem a honra de convidar V. Excia. para comparecer à Solenidade de posse do Bel. Sérgio Leven, na Presidência da Diretoria, a realizar-se no dia 15 de janeiro de 1977, às 20 horas e 30 minutos, no Salão Nobre desta entidade cultural. Alceu de Toledo Pontes, Presidente do Conselho Deliberativo.

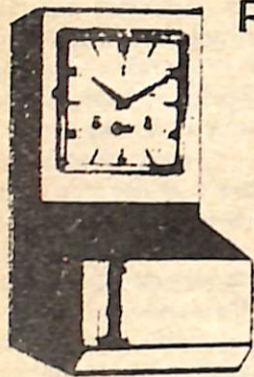
Feliz gestão, Sr. Presidente. Olha que o Gabinete bem merece.

UMA FRUTA CHAMADA PUDIM

Ouvi e passo adiante: domingo, dia 26, no canal 4, a jurada Elke Maravilha disse que um calouro parecia um galinho carijó, que outro era um pudinzinho. Então, o Sílvio Santos saiu com esta jóia: “Ué, agora a Elke deu para comparar calouro com animal, com fruta...”

Fiquei imaginando como deve ser linda uma plantação de pudins. E imaginei, também, Cascatinha e Inhana cantando no programa de Zé Bétio: “Meu pudinzal em flor/ quanta flor, meu pudinzal...” Abel Filgas Júnior.

E nós ficamos pensando aqui: será que a televisão do Abel não tem botão de desligar?



RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTDA

BARAO-427 FONE-6-8231

Hertane de Campos

ÓTICA MODERNA



Depto. de Lentes de Contato de procedência alemã — Gelatinosas

RUA BARÃO DE JUNDIAÍ, 1012
Fones: 434-7363 — 434-4351

O LABORATÓRIO MAIS COMPLETO DA CIDADE

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO
ROSARIO 523 FONE 6 3795

NOVIDADES
Charme
CALÇADO
ROSARIO.626

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana — Terrea, sala em “L” lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. Oferta Central de Imóveis.

Anhagabau — Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. (Cr\$ 900.000,00). Oferta Central de Imóveis.

Jardim Brasil: Nova, com 3 dormitórios todos com armário, sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil, aquecedor central, armários externos, etc... Oferta: Ribeiro

Parque do Colégio — Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 900.000,00. Oferta Central de Imóveis

Rua Pirapora — Casa terrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

Centro — fina residência, parte superior com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, sala para TV, 2 banheiros completos. Parte térrea, sala grande em L com lareira, hall, banheiro social, cozinha tipo Kitechen, com armário, sala de jantar, lavanderia, dependência para empregada, jardim, abrigo para 2 carros, quintal. Cr\$ 1.200.000,00. Oferta Ribeiro.

Jardim Cica — fina residência estilo colonial nova, com 3 dormitórios todos com ar-

mário, 1 suite, banheiro social, sala com carpete, sala de jantar, cozinha com armários, lavabo, dependência para empregada, lavanderia, abrigo jardim, quintal grande. Cr\$... 900.000,00. Oferta Ribeiro.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Caxambu: com 2 alqueires e meio, ótima topografia, 2 águas correntes, nascente, meio alqueire de mata. Ocasão. Oferta: Ribeiro

Engordadouro: com 4 alqueires e 3/4, excelente para Clube de Campo, com casa sede, casa para caseiro, nascente, poço artesiano, 2 alqueires de mata, pomar. Preço de Ocasão. Oferta: Ribeiro.

Jundiá-Mirim — 22600 m2, plana, luz, água corrente, pomar, ótima topografia. Apenas à 300 metros do asfalto. Cr\$ 700.000,00. Oferta Ribeiro.

Malota — magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo “clássico”, três dormitórios, 1 suite vestíbulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$... 1.900.000,00 (977). Oferta Central de Imóveis.

Nova Era — chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) Oferta Central de Imóveis

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

RIBEIRO IMÓVEIS

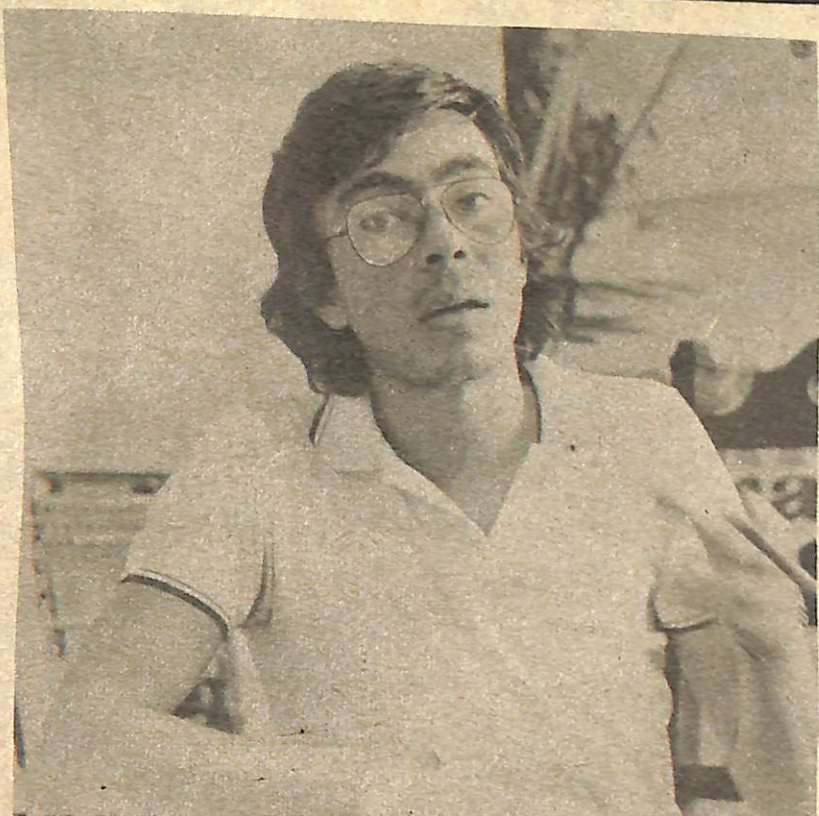
administração e venda

rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiá, 1080
Fone 434-3311



Paulo: planejamento contra os riscos.

"MERCADO" PARA OS HOMENS DE EMPRESA

Um órgão de informações econômicas para homens de empresas que ao mesmo tempo fosse um veículo para a agência de publicidade — foi com essa proposta que a Artshop criou "Mercado em Revista".

Paulo Brito, redator chefe da revista, conta que a agência já tentou esse veículo através dos jornais, mas as experiências falharam por falta de planejamento.

"Dessa vez as coisas estão diferentes — fala Paulo — procuramos planejar um órgão de tal maneira, que a gente corresse o mínimo de riscos possíveis. Primeiramente, fizemos folhetos contendo os propósitos da revista e os nossos contatos saíram visitando administradores, economistas, industriais e comerciantes. Seriam anúncios como, por exemplo, de estruturas metálicas, de construtoras, de atendimento médico, que circulariam no meio em que coisas desse tipo são de interesse. Enfim, nós pesquisáramos um mercado para a revista. Não queremos jogar dinheiro fora, se pudermos fazer algo que seja bom e não dê riscos — ótimo. Tem sempre um objetivo comercial".

Mensalmente, 10.000 exemplares de Mercado em Revista são distribuídos gratuitamente às empresas de Jundiaí e agências de publicidade de outras cidades (foi feita uma listagem por lista telefônica). Comercialmente, Paulo diz que estão alcançando resultados positivos: do primeiro número para o segundo, tiveram um aumento de 30% na publicidade. Ainda assim a revista não se mantém sózinha, tem

uma parcela de investimento da Artshop Arte e Comunicações. Conforme diz Paulo: "acredito que se vendêssemos não teríamos uma circulação tão grande quanto a pretendida. Quem sabe se um industrial tem tempo de ir em banca de jornal? E se tem, os assuntos que lhe interessam estão dispersos num monte de amenidades — e de amenidade a revista TV Guia morreu em pouco tempo".

A curto prazo, os planos da Artshop são de fazer de "Mercado" a primeira revista de negócios do interior, circulando na região de Sorocaba, Americana, Jundiaí, enfim, não entrando em São Paulo nem se afastando muito de Campinas. Para isso estão montando uma equipe de correspondentes nas cidades próximas para enviar material e mantê-los informados.

Paulo prefere não falar muito a respeito de outras publicações que esperam lançar, pois também acha que "o segredo é a alma do negócio", mas já é certo que pretendem ampliar a parte de editoração com novas publicações, que atinjam outras faixas de público.



Teve início dia 12 a reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico que definirá as medidas destinadas à "racionalização" dos combustíveis. A palavra "racionalização" é o último modismo surgido, depois de três anos de iniciada a decantada crise do petróleo. Para os menos esclarecidos, "racional" é antônimo de "irracional".

O INPS começou a investigar irregularidades em três Estados: Goiás, Maranhão e Espírito Santo. "Internamentos em excesso" é um dos pontos mais críticos da averiguação oficial.

O ministro Henrique Simonsen previu, em palestra realizada na CIESP-FIESP de São Paulo, semana passada, que "1977 será um ano mais saudável para a vida empresarial brasileira". Ainda durante a mesma reunião, Simonsen esclareceu que "jamais houve incoerência dentro do governo". Admitiu, isso sim, a existência de "divergências saudáveis, fruto de um estilo de governo aberto".

"Guerra é guerra", foi a frase usada pelo presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, para resumir as divergências entre o órgão que preside e o CIMI — Conselho Indigenista Missionário, a entidade que promoveu a reunião de caciques em Roraima.

O governo francês libertou, terça-feira passada, Abu Daud, considerado por Israel "um dos responsáveis pelo Massacre de Munique, nas Olimpíadas de 72." Daud viajou para a Argélia.

"Só falta saber como e quando Nunes cai" e "Não haverá mais quedas" foram os títulos das notícias das sucursais de "O Estado de S. Paulo" a respeito da aplicação do AI-5 para punir os escândalos do governo do Maranhão (Nunes Freire) e diante da especulação de que a medida de exceção seria posta em prática em outros Estados.

O filho-de-rico Chiquinho Scarpa será processado pelo príncipe Rainier, de Mônaco, por insultos à sua filha Caroline. A notícia valeu manchetes e até primeira página da "Folha de S. Paulo" ilustrada.

O governo espanhol apresentou às Cortes um projeto de lei que visa legalizar

os sindicatos clandestinos e o direito de greve dos trabalhadores. A Espanha viveu uma das mais longas ditaduras dos tempos modernos, enquanto Franco foi vivo.

Os embaixadores da Costa Rica e da República Dominicana afirmaram, em Brasília, que o boicote norte-americano ao café é uma "ignorância da realidade econômica, inconsequente" e "inconcebível".

Hóspedes estranhos ainda estavam perturbando, até a semana passada, o isolamento que o técnico Oswaldo Brandão pretendeu ao escolher um hotel do Embu para a concentração da Seleção Brasileira.

José Carlos Pace, da Brabham, e Emerson Fittipaldi, da Copersucar, chegaram em segundo e quarto lugares no Grande Prêmio da Argentina, realizado domingo, dia 9, em Buenos Aires. Pace, ao terminar a corrida, sofreu um desmaio. O vencedor da prova foi Jody Scheckter.

Sérgio Leven foi empossado presidente do Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa". Dia 15, sábado.

O governador Paulo Egydio Martins vetou a iniciativa da Assembléia Legislativa em dar o nome do ex-presidente Juscelino Kubitschek a uma escola de São Paulo.

Está em vigor desde a semana passada a portaria da Sunab que obriga os restaurantes, churrascarias, bares, lanchonetes, lavanderias, tinturarias, hotéis, pensões, barbearias, cabeleiros e similares a emitirem notas fiscais de todos os seus serviços. Justificativa: facilitar a apuração da responsabilidade que se vem verificando na cobrança de prestação de serviços.

As credenciais dos comissários de menores mudaram de cor: agora são amarelas. Qualquer pessoa que se apresentar com documento semelhante mas de outra cor para tomar qualquer medida pode ser enquadrada por falsidade ideológica.

Deverão ser divulgados nesta semana os gastos dos partidos políticos nas eleições do ano passado. O prazo para a entrega dos relatórios e conclusões do Comitê Interpartidário de Inspeção encerrou sábado, dia 15.

A sempre problemática

rua Carlos Gomes começou a ser reparada na semana passada, com a mesma lentidão das outras vezes.

Uma tempestade de neve, com intensidade de furacão, matou dezenas de pessoas na Nova Inglaterra, Nova Iorque e Illinois, nos Estados Unidos, no início da semana passada.

A primeira diretoria da Academia Juvenil de Letras e Artes de Jundiaí foi formada no dia 7. Na presidência está Maria Cristina Castilho de Andrade.

A II Olimpíada Esportiva foi encerrada dia 9. Em primeiro lugar ficou o Coríntians, com 5 títulos. A promoção da Associação Esportiva Jundiaense, reuniu grande número de atletas em várias modalidades.

Evanir Ribeiro Piccolo, João Renê Nalini, Carlos Henrique Fontes, Ana Maria da Costa, Jurema de Freitas Carneiro, Selma Aparecida Giolo, Sonia Maria Saltori e Luiz Aiello Neto foram os jundiaenses que se formaram no ano passado em Odontologia em Campinas.

Os fazendeiros do Pantanal matogrossense enviaram um apelo de emergência ao presidente Geisel porque as águas do rio Paraguai e afluentes continuam subindo de modo alarmante.

A Prefeitura de Jundiaí vai pagar o transporte para 750 universitários inscritos na Secretaria da Educação. Para isso, está aberta a concorrência pública para o serviço de transporte para São Paulo, Itu, Itatiba e Campinas.

A Boeing, segundo notícia procedente dos Estados Unidos, teria pago comissões a autoridades de outros governos para facilitar a venda de seus aviões. Entre os países envolvidos pela denúncia estão o Brasil, Arábia Saudita, Argentina, Irã, Líbia, Índia e Sudão. O caso é semelhante ao do escândalo da Lockheed, que causou muitos problemas para os acusados. Aparentemente, não há ainda o perigo de serem divulgados os nomes dos que receberam o dinheiro. O secretário dos Transportes do Estado de São Paulo, Thomaz Magalhães, em entrevista à Jovem Pan, na semana passada, afirmou que irá solicitar uma investigação para a apuração dos nomes.

Advocacia

dr. Ademércio Lourenção

dr. Alcimar A. de Almeida

dr. Francisco V. Rossi

R: SIQUEIRA DE MORAIS
N-578 1 ANDAR
EDIFÍCIO MARUJ

SAUNA CENTER

Sauna — Ducha completa — Banho de parafina — Forno de Bier — Massagens — Ginásticas — Limpeza de pele — Depilação — Manicure e Pedicure.

HORÁRIOS

Cavalheiros: 2a., 4a. e 6a., das 14 às 22 h

Sábados — das 9 às 22 h.

Senhoras: 3a., 5a., das 14 às 22 h

Rua Marechal Deodoro da Fonseca, 495.

ENFIM, O PAULISTA DOS S

Num cenário insólito, de ar campestre, sob um sol de 30 graus, rodeados de virchados e de crianças fazendo travessuras na piscina, vinte e tantos heróicos atletas profissionais começaram, numa quarta-feira à tarde, os preparativos para mais uma aventura: era o Paulista, treinando no improvisado campo do Caxambu, dando os primeiros passos da temporada.

Passos um tanto trôpegos, é bem verdade. Um pouco pelo calor, um pouco pela fraca forma atlética daqueles rapazes, afinal de contas acabando de chegar das férias, e um pouco também pelo gramado, longe de ser o tapete verde ideal que os locutores esportivos gostam de louvar nos seus microfones.

De qualquer forma, os primeiros passos estão dados. E este ano, pela primeira vez em muitos anos, parece haver perspectivas. O Paulista está disposto a deixar de ser o saco de pancadas que tem sido nesses últimos tempos.

No próprio treino, havia algumas boas provas disso. O técnico, um senhor grisalho, atencioso bem educado — um cavalheiro — deixou bem claro que um primeiro treino é sempre um primeiro treino, apenas. "Só para movimentar a rapaziada", dizia Roberto Belangero. Vestido com a camisa tricolor do Paulista, de meias e chuteiras, ele ia acompanhando os lances nem sempre brilhantes de seus titulares e reservas. Às vezes parava, dava broncas, gritava mesmo: "estamos burilando muito as jogadas..."

E não faltavam também no cenário, os irremovíveis cornetas de sempre: nem mesmo a distância de uma viagem até o Caxambu seria capaz de desanimá-los. E para desespero desses cornetas, o time titular do Paulista ia tropeçando nas mesmas dificuldades que tem sido a dor de cabeça desses últimos anos: não sabe fazer gols. Que terrível dificuldade fazer uma boa jogada acabar na rede reserva!

Mas isso também se explica pela prudência e o bom-senso de Roberto Belangero:

— Não é esse o time titular. Faltam ainda alguns jogadores.

O TIME QUE FALTA

Roberto mostra as linhas do campo:

— Está vendo? Daqui, do meio do campo prá trás, tudo bem. Eu já tenho o time. Meu problema é aqui na frente. Eu preciso de dois pontas e de um centro-avante.

Em resumo, ele precisa de um ataque. E bem que precisa mesmo, porque os dois pontas que estavam treinando no time titular — Lula na direita e Vagner na esquerda — tropeçavam frequentemente na sua própria inabilidade. E centro-avante nem sequer havia: estava lá o gordo Adilson, evidentemente pesando alguns quilos a mais, e jogando o equivalente a menos.

Mas a provisoriedade de tudo isso estava clara. Fala Roberto de novo:

— Quando assinei contrato com o Paulista, apresentei um plano de trabalho, para montar um time competitivo a médio prazo. Apresentei uma lista de jogadores, e pedi à diretoria que os contratasse. Dei várias opções para as posições que eu acho que deviam ser preenchidas

Roberto, pediu, por exemplo, Didi, Nobre e Vicente para volantes. O primeiro, impossível. Os outros dois, estão aí. Para a ponta direita, ele pediu Xaxá: para centro-avante ele queria Mickey, ou Adilson do Corinthians ou Carlos Alberto, também do Corinthians, ou Itamar do Palmeiras. Para a ponta-esquerda, pediu Daércio.

E a diretoria saiu atrás, mas é difícil conseguir jogadores bons (e baratos, porque afinal o dinheiro não está sobrando).

Até o fim da semana tinham vindo Vicente e Nobre, tinha voltado Bosco do Londrina, tinha chegado Mosca, e estava tudo certo com Brida, ponta-direita da Ponte Preta. Mas faltava ainda o centro-avante, aquele que vai fazer os gols. E o ponta esquerda. Roberto é definitivo:

— Quero um ponta ofensivo.

A defesa está firme e definida: Édison, Cícero, Marco, Domingos e Lázaro (Ferreira). Aí Roberto não tem onde mexer. No meio do campo tem Vicente, Nobre, Bosco, Adilson e Mosca, que pode ser meio-direita recuado. Falta o ataque. Até o dia do jogo de estréia com o Palmeiras, 5 de fevereiro, tudo deve estar ajustado.

E se não vierem os reforços pedidos? Roberto diz que trabalhará com o material que tem, mas aí deixa a ressalva, como quem diz: "bom, aí faremos o possível" E ele mesmo sabe que o possível, sem reforços, será muito pouco.

ALEGRES NOVATOS

Ali, naquele primeiro treino do ano, seria injustiça dizer que só havia defeitos. Na verdade, Vicente e Nobre, os dois meninos do Corinthians, mostraram que sabem mexer com a bola. Nobre, o mais moço deles, aquele que disse que prefere "jogar no Palmeiras a ficar no Parque São Jorge batendo palmas para o Givanildo" sabe até mesmo mexer com as palavras. Dezenove anos, segundo ano de engenharia química da Faculdade Oswaldo Cruz, não se ilude muito:

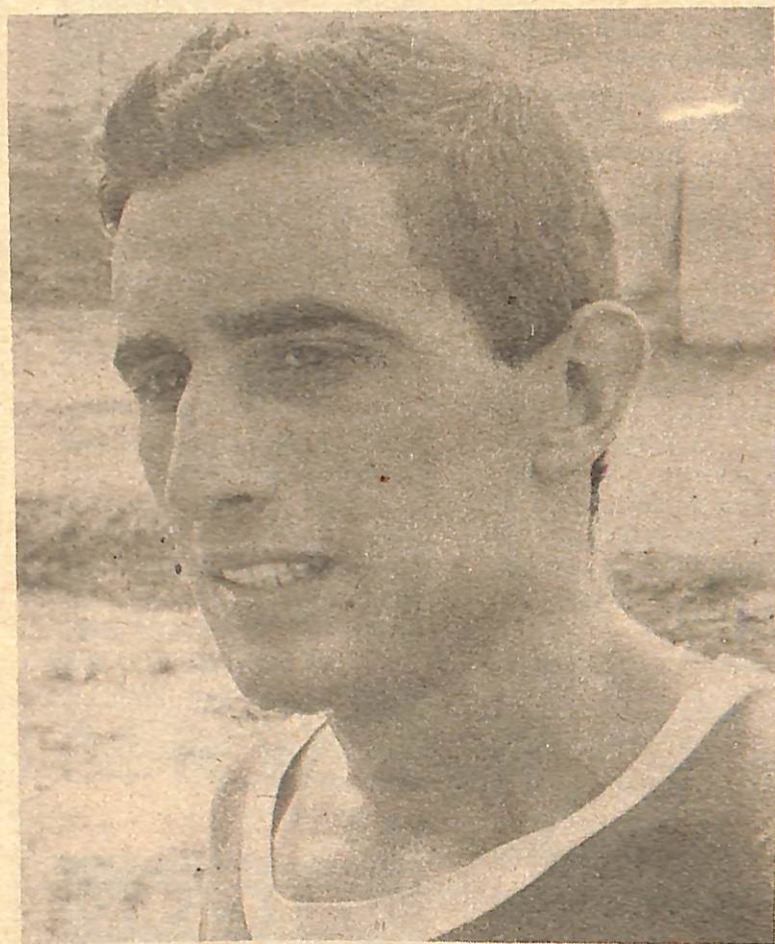
— Jogo futebol para pagar os meus estudos. Se eu der sorte, continuo jogando. Se não der, vou ser engenheiro. Em agosto, quando termina o meu empréstimo, devo voltar para o Corinthians. Se houver uma vaga para mim lá, fico. Afinal, sou corintiano, porque nasci lá dentro, jogo lá desde o tempo de dente-de-leite.

Se Nobre já fez dois ou três jogos no time titular do Corinthians, Vicente não teve a mesma sorte. Com 22 anos, já foi emprestado duas vezes: uma para o América de Recife, e agora para o Paulista. Já jogou na seleção amadora, e vinha jogando no juvenil do Corinthians. Diz que lá juvenil só joga no time principal se todo mundo se machucar.

Vicente e Nobre jogam mais ou menos no mesmo estilo, e Roberto



Roberto: quero 18 jogadores.



Nobre: se não der, vou ser engenheiro.



Manoel de Oliveira: há

não sabe ainda se haverá lugar para os dois no time.

— Depende de como jogar o ataque. Se não houver lugar para os dois, escolho o melhor, ou talvez faça um revezamento.

Aliás, um dos so-

nhos de Roberto, para este campeonato, é ter um plantel de 18 jogadores, todos do mesmo nível:

— Se tiver que sair um e entrar outro, o time tem que continuar jogando a mesma coisa.

Não pode ca de p
ção. Por isso ero
gadores do mo
À ES RA
DAS VI RIA
Se o téc Be
ro pode plan ar un
competitivo, ue se
que pelo me os na

BONHOS DOS CORNETAS?



vicente: sem chances no Coríntians.



vaia: há menos dívidas.

de produ-
ero 18 jo-
mo nível.
RA
RIAS
Belange-
um time
de se colo-
nas posi-

ções intermediárias do campeonato, que não apañhe tanto como tem apañhado nos últimos campeonatos, que já fique montado para fazer melhor figura ainda no campeonato de 1978, a paixão da torcida já começa

a se acender, à espera de grandes jornadas. Quando a diretoria anunciou que queria fazer contratações, reforçar o plantel e disputar o campeonato pelo menos em igualdade de condições com os outros times de seu nível, a tor-

cida começou a sacudir dos ombros a apatia que a vinha soterrando há muito tempo.

Há movimentações, boatos, esperanças. Embora acobertada por um nome de gosto bastante duvidoso — Gamor — (contração das palavras Galo e Amor) há uma torcida em efervescência, querendo organizar caravanas, querendo mandar fazer bandeiras, camisetas, faixas, etc. Ela já tem até um presidente, eleito na semana passada: Wilson Angelo Tiene. Cada torcedor que se inscrever na Gamor vai pagar uma mensalidade de 25 cruzeiros, e vai sair por aí "não para brigar, mas para dar força ao Paulista", como disse o presidente Tiene.

Na reunião onde se elegeu o presidente, alguns torcedores falaram de problemas que uma torcida organizada enfrenta. Por exemplo: eles acham que a polícia de Jundiaí é muito violenta, e em vez de dar proteção à torcida da casa, quando tem briga ajuda a bater.

Mas esses percalços não impedem o entusiasmo do grupo, formado por jovens com média entre 18 e 21 anos. Eles já estão organizando uma caravana para ir ao Parque Antártica, no dia 5 de fevereiro. Quem quiser ir, que ligue para 436-3688 (fale com Carlos ou José Eduardo Motta) ou vá a av. Cavalcanti 151, para reservar seu lugar. Preço: mais ou menos 50 cruzeiros.

E há também um boato no ar, que uma certa e não identificada senhora Malvina, está tentando organizar uma torcida feminina. Aguarda-se que Malvina se faça viva, para saber se sua torcida será verdadeira ou não passa de um boato.

UFA, ATÉ QUE ENFIM!

Não se pode negar, então, que há um princípio de entusiasmo no ar. A torcida parece estar pronta a acreditar. Quem acendeu a centelha, sem dúvida, foi o presidente Walderley Pires, que ao reassumir o cargo que tinha deixado para ser um dos quatro vice-presidentes da Federação, dis-

se que montaria um time de futebol.

Nas confrarias dos insistentes cornetas e até mesmo de alguns torcedores distantes, ouvia-se uma espécie de "ufa, até que enfim".

O Paulista vai fazer 36 jogos pelo campeonato paulista de 1977: no ano passado, fez apenas 19. Vai jogar duas vezes por semana. Então, como um time de futebol que vive só de ser time de futebol (há os planos do clube poli-esportivo, mas ainda são planos) o Paulista só consegue dinheiro jogando, porque vive das rendas. É claro que neste ano terá muito mais rendas do que no ano passado.

O plantel vai custar 120 mil cruzeiros por mês (os salários são um pouco secretos no Paulista, mas sabe-se alguns jogadores, como Bosco e Edison ganham entre 8 e 9 mil mensais, e diz-se que os dois volantes que vieram do Coríntians devem ganhar aí pelos 6 mil cruzeiros. O salário médio, é fácil de deduzir, deve estar por volta dos, 6,7 mil cruzeiros mensais) As outras despesas devem montar a um total de 80 mil por mês. Ou seja: 200 mil cruzeiros de gastos por mês. As rendas cobrirão?

Há esperanças, como sempre, que as indústrias e o comércio ajudem. Até agora, como informa o dentista Manoel de Oliveira, diretor do departamento profissional do Paulista, de concreto existe o placar eletrônico da marca Dimep doado pela Vigorelli, com a ajuda de Jundi-Plast, que já foi comprado e será instalado dentro de pouco tempo. Há também as promessas do sr. Josef Pfulg, da Vulcabrás, que representa a Adidas, e alguns outros boatos de ajuda aqui, ajuda ali. Para sermos francos, só boatos, por enquanto.

Dos sócios, a não ser que o quadro seja aumentado em consequências de uma hipotética boa campanha do time, não se pode esperar muito. Há 800 sócios, por enquanto.

Se o prefeito Ibis Cruz cumprisse o convênio entre Paulista e Prefeitura, haveria mais

300 mil cruzeiros em caixa. Uma ajuda bastante razoável. No mínimo, o preço de um bom centro-avante, ou uns dois meses e meio de folha de pagamento do plantel. (A Prefeitura fez um convênio segundo o qual daria 300 mil cruzeiros ao Paulista para que a Escola de Educação Física usasse as instalações do estádio para aulas práticas. Está certo que a escola não usou o estádio, mas não é menos certo que o estádio estava lá, à disposição. O Paulista não tem culpa se não quiseram usá-lo. O convênio estava assinado).

Mas o Paulista de hoje, segundo Manoel de Oliveira, é um clube com as finanças bastante saneadas. Deve, é certo, cerca de 500 mil cruzeiros, no total. "Mas — diz Manoel — são dívidas bancárias, vencíveis a médio prazo, que podem ser saldadas, títulos que podem ser reformados. Enfim: uma dívida normal. Não existe mais aquela situação absurda de 32 ações executivas contra o Paulista, de quatro penhoras de renda, de dívidas com todos os jogadores do plantel. Isso não existe mais".

O resultado final de tudo isso, que é o que atrai a torcida aos estádios — o time de futebol, um time competitivo, em condições de evitar e longo rosário de vexames dos últimos anos — ainda não está pronto.

O resultado acabará saindo das mãos do técnico Roberto Belangero. Esse senhor hábil, distinto, que já foi um craque elegante dentro do campo, um dos grandes laterais esquerdos do nosso futebol, está manipulando os ingredientes. Se não fosse para conseguir bons resultados, ele não deixaria sua vida cômoda e pacata de pai de família, industrial bem sucedido, para ficar sob um sol de 30 graus ensinando os truques da bola para esses garotos.

Ele sabe o que faz. É o que se ouve. São as vozes dos cornetas.

Sandro Vaia

PS: na capa, nas cores vivas do Décio, Mosca, Vicente e Wanderley Pires. E quem mais virá?

NO GABINETE, A POSSE DA NOVA DIRETORIA

No último dia 15 de janeiro, foi realizada no Salão Nobre do Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa", a sessão solene de posse da nova diretoria daquela entidade cultural, encabeçada pelo bacharel Sérgio Leven, eleito no último dia 15 de dezembro como líder da Chapa Azul.

Nos demais cargos da diretoria, foram empossados: Ivan Balbin (1.º vice-presidente), Neyde Caudallio (2.º vice-presidente), Belmiro Pozzani (1.º tesoureiro) e Odarci Eugênio Berol (2.º tesoureiro). O Conselho Fiscal foi composto pelos srs. Mário Piccolo, Dr. Lavoisier de França Silveira e Jurandir de Souza Lima. Do Conselho Deliberativo farão parte os srs. Alceu de Toledo Pontes, José do Espírito Santo Faggiano, Hermenegildo Martinelli, Isaac da Silva Bellini, Paulo Emílio Feher, Célia Regina Otero, Alvaro Velotti, Oswaldo Willy Feher, Álvaro A. de Oliveira Baialuna, Neusa Maria Belloli e Milton Magatti Ferreira, sendo suplentes, os srs. Aedemar dos Santos, Muzaiel Feres Muzaiel, Edgar Antonio de Jesus, Paulo Luiz Aguirre Costa, Willi Gunter Rudzinski e Eraldo Pinheiro dos Santos.

O NOVO PRESIDENTE

Sérgio Leven é formado em Direito pela Faculdade do Largo de São Francisco e já pertenceu ao Conselho Deliberativo do Gabinete de Leitura. Como presidente da entidade, pretende desenvolver um trabalho tão intenso quanto ao de seu antecessor, Dr. Celso Zuchetti que foi um dos que o apoiaram na disputa ao cargo. Jovem dinâmico e bastante interessado nos problemas que o cercam, ele olha com amor e confiança para sua nova missão:

— É necessário que os jovens despertem o seu interesse pelos bons livros, lendo em primeiro lugar algum assunto do seu gosto (biografias, reportagens científicas, narrativas de viagens, etc). De nada lhe valerá ler só para agradar aos pais ou estudar rapidamente para obter boas notas nos exames e mais tarde, um diploma. Quando está de fato interessado na leitura, esta lhe concede horas de verdadeiro prazer espiritual e produz resultado positivo. Cumpre aos pais e professores indicar aos jovens os livros que ministrarão melhores conhecimentos e a nós do Gabinete, ampará-los em seus anseios, sem perdermos de vista as preferências dos adultos.

Apesar de seu otimismo,



Sérgio Leven, o novo presidente do Gabinete.

Sérgio se revela um jovem que sente profundamente a angústia moderna: a do homem entregue a si mesmo, perdido num mundo que lhe é estranho. Por isso conclama os associados para uma participação efetiva em sua administração:

— Estaremos à disposição dos associados nas sugestões que quiserem formular, além de incentivá-los de várias maneiras à frequência do Gabinete, onde encontrarão um local para estudos e encontros. Procuraremos atender as entidades afins sempre que solicitados e promover um intercâmbio com elas, como já o fazemos com a Associação dos Artistas Plásticos local, cuja sede provisória, será em algumas de nossas dependências.

Segundo Sérgio, os valores constituem o mundo vir a ser do homem e a integração é essencial. O estudante não pode pensar em viver isolado, seja em seu trabalho, seja em seu pedestal de nobres princípios. Desta maneira, pretende que o Gabinete não se constitua apenas num templo de meditações, mas num local de união entre os jovens, trazendo como consequências, possíveis realizações culturais e promoções estudantis para a cidade.

CENTRO DE CULTURA

Localizado no centro da cidade (rua Cândido Rodrigues, n.º 301), o Gabinete de Leitura "Ruy Barbosa" se constitui numa das mais tradicionais entidades jundiáenses e lugar onde repousa praticamente toda a história de nossa cultura.

Em média, cento e cinquenta estudantes por dia frequentam a biblioteca, que está com mais de vinte mil volumes, dos quais quatro mil se destinam a consultas e dezesseis mil para circulação entre os associados. As publicações mais requisitadas são compradas em duplicata ou em maior quantidade, para que circulem com mais eficiência.

Todas as saídas e entradas de livros são registrados em fichas-cadastro com o nome dos associados. As novidades — mensalmente é adquirida uma grande cota de livros — são publicadas em um boletim distribuído aos seus frequentadores.

Vários funcionários se revezam para atender prontamente as solicitações dos associados e orientar os estudantes quanto às obras que podem ser utilizadas em trabalhos e pesquisas. São eles: José Carlos Pisanelli, Odete Amaral Pradella, Daniel Bull e Maria Aparecida Palermo. O prédio em que o Gabi-

nete está instalado distribui-se por dois andares. Na parte superior funciona a sala de pesquisas e quando de eventos especiais, como conferências, concertos, audições, volta à sua forma antiga de Salão Nobre. Nele encontra-se também, a maior parte de sua rica pinacoteca organizada por Amadeu Aciolly e a sala da diretoria.

A sala maior da parte de baixo é para leitura. A menor é de recreação, onde se joga xadrez. Também no andar térreo está a sala da secretaria e grande parte de sua biblioteca.

Os livros são adquiridos pela entidade por sugestão dos próprios associados que indicam as obras que necessitam para pesquisas ou que lhes interessam conhecer.

Para filiar-se ao quadro de associados do Gabinete, basta preencher uma ficha que poderá ser encontrada na secretaria, pagar uma taxa de vinte cruzeiros e a partir daí contribuir mensalmente com vinte cruzeiros.

O Gabinete abre as suas portas diariamente das 8 às 11 horas; das 13 às 17 horas e das 18 às 22 horas. Sábados e domingos, das 8 às 11 horas.

O dr. Celso Zuchetti, que ora deixa o cargo de presidente, foi o principal responsável pela reorganização desta sociedade. Com muito esforço e trabalho, conseguiu

com que ela se transformasse num dos maiores centros culturais do Interior.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Motivados pela criação de um lugar onde os jundiáenses pudessem passar algumas horas de distração, alguns elementos, todos funcionários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, deram início em 1908, a uma campanha para a fundação do "Gabinete de Leitura de Jundiá". Eram eles: Conrado Augusto Offa, João Xavier Dias da Costa, Benedito de Godoy Martins de Azevedo e outros. Quem quisesse participar da obra entraria com dois mil réis.

Muitas pessoas apoiaram a idéia e integram-se à relação de assinaturas de contribuintes. Nesta lista está o nome de um garoto de sete anos de idade — José de Godoy Ferraz — que também fica sendo um dos fundadores.

Dado o primeiro passo, escolhem uma casa na rua Barão, perto de onde hoje fica o Cine Ipiranga, para sede. Iniciam a elaboração dos estatutos da nova sociedade e pedem a colaboração em livros para a biblioteca. As doações eram muitas e a sociedade começa a funcionar a todo vapor. A data de inauguração era marcada para o dia 28 de abril daquele ano.

Mais tarde, após algumas mudanças no local, a 7 de setembro de 1922 — como comemoração ao centenário da Independência do Brasil — é lançada a pedra fundamental do prédio do Gabinete, no mesmo lugar onde havia a Igreja Nossa Senhora do Rosário.

No ano seguinte, morre o Dr. Ruy Barbosa que estivera várias vezes em Jundiá e considerado um dos maiores escritores brasileiros. Em sua homenagem resolvem mudar o nome da sociedade para "Gabinete de Leitura Ruy Barbosa". A praça que fica em frente passa a ter também essa denominação. Um ano depois — 5 de janeiro de 1924 — é inaugurado com muita festa o novo prédio do Gabinete. O poeta Francisco Pat, da Academia Brasileira de Letras, vem a Jundiá nesse dia para fazer uma conferência sobre o tema "Não Há Mulheres Feias". No dia seguinte, há uma distribuição de balas e doces às crianças, completando a festa de inauguração.

Muita gente importante já esteve em Jundiá proferindo palestras e fazendo conferências no Gabinete. Entre eles, o poeta Guilherme de Almeida, Lígia Fagundes Telles e Plínio Salgado.



Vladimir: o sonho do garoto era ser jogador.

Vladimir: "meu negócio é o Corinthians."

Mesas alugadas e amigos avisados. O programa era a inauguração de uma boite de São Paulo. Surgiu então a proposta da entrevista. Comendo bolo de laranja e tomando Coca-cola, Vladimir Rodrigues dos Santos, deixou seu primeiro compromisso e ficou conversando com a reportagem das onze horas da noite até que o dia amanhecesse. Dos seus vinte e dois anos de idade, tres e meio são de jogador profissional pelo Corinthians. Vladimir conta como foram esses anos de futebol que o fizeram chegar à seleção brasileira:

J 2a. — Como foi o início de sua carreira?

Vladimir — Ser jogador era meu sonho desde garoto. Mas nunca pensei que pudesse realizá-lo. Meu time preferido era o Santos. Joguei em todas as posições fui inclusive artilheiro. Na lateral esquerda eu me sentia mais seguro. Eu jogava no Brasil da Pompéia. Meu técnico era o "seo" Hélio, disse que conhecia o Wadi Helu e que me apresentaria a ele. Até que apareceram em casa para conversar com meu pai. Queriam me levar para jogar no Corinthians. Eu tinha quinze anos. Não dormi a noite inteira.

J 2a. — Você já partiu como profissional?

Vladimir — Fiquei me ambientando, meu primeiro jogo foi no Pacaembu, no dia 4 de julho de 73, contra o São Bento de Sorocaba.

J 2a. — Você tinha então dezotois anos, começou a ser comentado e nunca mais deixou de ser notícia.

Vladimir — Naquela época havia medo da turma em "queimar" o garoto, por eu ser novo. Graças a Deus isso não aconteceu.

J 2a. — Compare o vice-Corinthians de 74 com o de 76.

Vladimir — O que nos prejudicou em 74 foi excesso de confiança. Fomos com certeza absoluta. A isolação em Águas de Lindóia também foi péssima. Esse ano ficamos aqui e vivemos o clima de decisão até os primeiros instantes antes do jogo. Sentimos toda a responsabilidade. Isso é importante. Se em 74 tínhamos certeza do título, este ano sabíamos que teríamos que lutar muito para alcançá-lo.

J2a. — Como você viu a comemoração do não-título?

Vladimir — Apesar de saber que nos esforçamos muito no jogo, fiquei muito magoado com a derrota. Quando chegamos ao hotel os repórteres disseram que em São Paulo estava a maior festa. Que nosso esforço foi flagrante, isso nos confortou mas só um pouco.

J2a. — Como foi aquele problema de inseticida no vestiário?

Vladimir — O problema começou no hotel. Ficava no centro da cidade e a cada cinco minutos espocavam rojões em nossa janela. Isso durou até as duas e meia da manhã. Não tivemos condições de dormir direito. No dia seguinte nos vestiários não se podia enxergar direito de tanta inseticida. Mudamos para um vestiário sem água, muito pequeno. Mas se a intenção foi provocar, eles não conseguiram. A mim não atingiram.

J2a. — Qual os planos para a seleção?

Vladimir — A seleção é o objetivo de qualquer jogador de futebol. Eu consegui chegar. Meu medo é continuar nela. Chegar no auge é fácil desde que haja um esforço. O difícil é conseguir uma produção regular por partida.

J2a. — O Brasil tem chance de formar um bom time?

Vladimir — Tem tanto jogador. O Brasil convocou quarenta e todos têm condições de chegar lá. Tudo depende de nós jogadores rendermos o que sabemos.

J2a. — Dá pra sentir medo do sistema dos europeus?

Vladimir — Esse sistema foi usado pelo Internacional em todo o campeonato. Só que mais cadenciado, sem correria. A única coisa que falta ao jogador brasileiro é se cuidar mais. Embora as condições de trabalho sejam diferentes. O calendário do futebol brasileiro é péssimo. Eles não têm que enfrentar um campeonato como o Nacional que acaba com qualquer cristão.

J2a. — Quem você contrataria para o Corinthians?

Vladimir — Eu manteria o time.

Acho que o que mata o Corinthians são as constantes mudanças de jogadores. Nesses três títulos que teremos pela frente em 77 existe muita chance de abiscoitarmos o título. Mas se não houver muita troca. Se tiver que contratar, que seja antes dos campeonatos. Para um esquema só de trabalho. Com mais condições.

J2a. — O que é mais importante: um título aqui ou lá fora?

Vladimir — Ganhar um título internacional tem uma repercussão maior em todos os meios futebolísticos. Um título aqui é mais para a torcida.

J2a. — É melhor jogar com a torcida ou sem a torcida?

Vladimir — Com a torcida. Esse ano foi incrível o ponto de identificação da torcida com os jogadores. Uma união sensacional que envolveu toda a crônica paulista. Foi lindo. Inclusive o Neca tinha finalmente conseguido um entendimento muito bom. Ele ficou magoadíssimo em ter de sair agora do time.

J2a. — Qual foi o verdadeiro motivo da saída?

Vladimir — Ele se desentendeu com Matheus. Isso é outra coisa que eu acho que não deve acontecer. Problemas extra-futebol fazerem com que um jogador saia. Isso prejudica o time. Foi muito chato para todos.

J2a. — Você acaba de voltar de uma mini-olimpíada no Rio. Como foi?

Vladimir — Foi uma espécie de competição de férias. Num clima de brincadeira. Participaram os clubes de maior torcida no Brasil. Flamengo, Atlético mineiro, Internacional, Corinthians. Foram disputadas todas as modalidades, menos futebol. Foi engraçadíssimo. Tinha jogador que não sabia nem bater uma bola des basquete. Batia com as duas mãos. Eram oito jogadores de cada equipe. Caimos contra o Internacional, não ganhamos nenhuma modalidade. Perdíamos por um décimo de segundo, um minuto. Eu ficava louco da vida. Mas também não foi levado muito a sério, tinha cara que saia para passear e voltava às quatro da manhã para disputar às oito.

J2a. — Chegou Dario, melhorou?

Vladimir — Encontrei o Dario e ele me dizia: "Avisar o presidente de seu clube que o Dadá maravilha está com grandes perspectivas de gol para o ano de 77." Eu ria de ver o jeito dele conversar. Mas ele afirmava que era sério. Pode anotar, dizia ele, dois gols por partida. Ele é um cara muito legal mesmo.

J2a. — Parece que o Campeonato Nacional não sofrerá alteração: será como o do ano passado. Existe o cansaço?

Vladimir — Chega uma hora que de tão cansado o jogador não vai ao campo com a mesma vontade e produz pouco. Aí ele é pixado. Mas é que tem tanto jogo que desanima. Eu acho que ao fazer a tabela eles se esquecem um pouco do jogador. Da parte humana. O Nacional é muito puxado, tudo por uns milhõezinhos a mais. O fato de revelar novos jogadores eu acho que não tem muito a ver. Desses clubes todos, revelam um ou outro e demora muito tempo para surgir. O jogador é bom, fatalmente ele é descoberto, então eu acho que o interesse é renda mesmo.

J2a. — Existe um relacionamento bom entre os onze do Corinthians?

Vladimir — Nossa equipe é muito unida. Particularmente me dou com todo mundo lá dentro. Claro que existem aqueles que você tem preferência para conversar. Mas gosto muito de todos no geral. Acho que se não tivéssemos essa união será péssimo jogar no Corinthians.

J2a. — E a crônica? a torcida?

Vladimir — Eles influenciam muito na direção do time. Com exigência de contratação. A imprensa e a torcida têm força no Corinthians.

J2a. — Sair do Corinthians e ir pra onde?

Vladimir — Sair do Corinthians, ir para a seleção e depois voltar para o Corinthians.

J2a. — Seu negócio então é o Parque S. Jorge?

Vladimir — Pode acreditar, todo jogador gostaria de estar no Corinthians. Um diretor do Inter, depois do jogo em Porto Alegre, me perguntou se interessaria jogar lá. Não aceitei. Esse é o time que quero jogar.



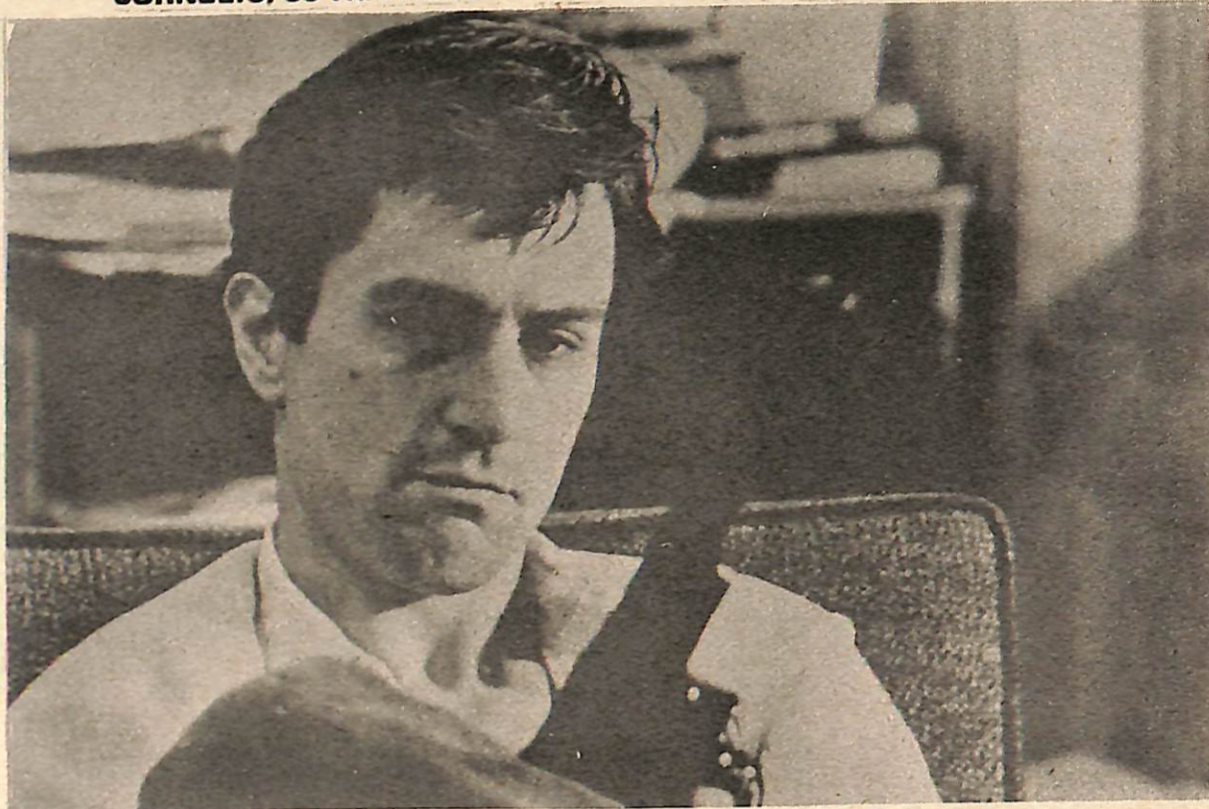
CINEMA

O MELHOR DA SEMANA É TÁXI DRIVER, FINALMENTE LANÇADO EM JUNDIAÍ. FORA ISSO, UMA SALADA: O ESTRANHO VÍCIO DOS MACACOS, CONFISSÕES ÍNTIMAS DO DOUTOR CORNÉLIO, OS TRAPALHÕES DE SANT'ARCÂNGELO... OU QUASE ISSO.

Anunciado uma vez e retirado na véspera do lançamento "Taxi Driver" começa a ser exibido no dia 23, no Marabá, e é o melhor filme da semana. Fora esse lançamento será meio difícil escolher entre trapalhões, macacos, doutores cornélios, monjas e presidiárias. Isso fica por sua conta:

O Trapalhão no Planalto dos Macacos - Renato Aragão, Dedé Santana e Mussun caem no Planalto dos Macacos e ao fazerem uma viagem de balão. Aí começam as macaquices mais desajeitadas para tentar fazer você rir. Para as crianças, ainda passa. De 17 a 22, no Marabá.

Taxi Driver - Na Nova York dos nossos dias, um solitário ex-combatente da guerra do Vietnã, para combater (sem trocadilho) sua insônia, decide trabalhar durante a noite como motorista de táxi. De Martin Scorsese, com Robert De Niro, Cybill Sheperd e Albert Brooks. Grande Prêmio do Festival de Cannes de 1976. Dia 23, no Marabá.



Robert De Niro, em "Táxi Driver".

O Estranho Vício do Doutor Cornélio - Com Alcione Mazzeo. Paulo Fortes, Stan Cooper e Pedro de Lara. Um homem solitário resolve casar-se com modelo 29 anos mais nova que ele. De 17 a 19, no Ipiranga

Confissões Íntimas de Um Presídio Feminino - Na linha do "Diário Secreto de Uma Prisão de Mulheres", filme italiano lançado no Brasil em 1975. Produzido nos Estados Unidos, "Confissões Íntimas de Um Presídio Feminino" tem por tema as

ansiedades e comportamentos de mulheres encarceradas (dava para perceber, pelo título, não?), completando pelo registro do relacionamento neurótico entre elas mesmas a direção da prisão. Tudo a se propor com uma reflexão

sobre o sistema penal vigente. Ao que se afirma, contudo, as intenções do diretor e roteirista Jonathan Demme não chegaram a se concretizar, prejudicadas principalmente pela "insistência sobre o óbvio, o lugar-comum e pelo "culto em benefício de determinadas reações que pouco têm a ver com a dignidade do espetáculo cinematográfico", no dizer do cronista carioca Fernando Ferreira. No elenco, uma tal de Juanita Brown, secundada (!!!) por Roberta Collins e Erica Gavin. Como? Não deu para entender bem? Explicamos melhor, pois: numa penitenciária de mulheres, registram-se violências e perversões, de certo modo insufladas pela própria administração do presídio, em decorrência de seu comportamento sádico. Dia 23, no Ipiranga.

O Ipiranga nos presenteia ainda, esta semana (de 20 a 22), com "As Monjas de Sant'Arcangelo", filme do qual não sabemos absolutamente nada. Isto é, quase nada: só garantimos que "Dominique" não faz parte da trilha sonora.

Antes do filme, De Niro sentiu na pele o que é ser motorista de táxi.

Para ser Travis Bickle, o motorista de táxi psicopata de "Taxi Driver", De Niro preparou-se de maneira especial: entrou na pele do profissional e durante semanas não fez outra coisa senão dirigir um táxi por Nova York, cujas ruas são as mais violentas do mundo. É o que ele conta numa entrevista a Anita Weber, publicada pelo O Globo.

- Se fiquei com medo? É claro, principalmente no dia em que tive de levar uns marginais ao Harlem. Mas, no final, eles se revelaram os mais gentis dos passageiros: deram-me a melhor das gorjetas. Depois, três caras que

subiram a rua me pararam o táxi: "Será que eu devo dizer que não posso levá-los?" - perguntei-me. E por que não? Eles entraram no táxi e também foram muito gentis. Eu poderia ter sido morto, roubado, mas tive sorte. É com ela que contam os motoristas de táxi de Nova York.

De Niro diz que só foi reconhecido uma vez, por um de seus colegas, também ator, a quem levou ao Aeroporto Kennedy:

- Eu disse a ele que não precisava dar gorjeta. Só pagar a corrida. Na verdade, sentia-se um pouco culpado. Eu ganhava dinheiro

dirigindo o taxi; fiz boas gorjetas. Meus passageiros, na maioria dos casos, eram pessoas que não tinham muito dinheiro, mas que se mostravam generosos na hora da gorjeta.

Um solitário confesso, um homem relutante em falar sobre si mesmo, o taciturno De Niro preferiria ser coqueiro a ter que dar entrevistas. Mas se a gente pergunta a ele qualquer coisa sobre o seu trabalho, então entra-se em terreno relativamente seguro:

- Eu era ator de Nova York. Lá fiz uns poucos filmes independentes. Até há uns quatro anos eu não sabia

que os estúdios existiam; pensava que eles tinham acabado, se dissolvido, entrado em decadência. Até que toda a estrutura dos filmes independentes - movimento que se iniciou há oito anos - foi transferida para Hollywood.

Foi em Hollywood que De Niro venceu: um Oscar de ator coadjuvante por seu papel de mafioso em "O Poderoso Chefão II" e uma indicação da Academia por sua atuação em "Taxi Driver". Mas o Oscar ficou com Jack Nicholson, no ano passado.

O PRIMEIRO FILME Seu primeiro filme feito

em Hollywood foi "Mean Streets", dirigido por Martin Scorsese, também diretor de "Taxi Driver" e "New York, New York", um musical sobre a era das grandes orquestras americanas (1940), co-estrelado por De Niro e Liza Minelli.

De Niro pode-se ter na conta de ator de sorte por trabalhar com Scorsese, que, ao lado de Francis Copolla e Bill Friedman, forma o trio poderoso de Hollywood:

- Com ele eu não assino contrato. Não há necessidade. Somos amigos e fazemos o que devemos fazer



LAGO AZUL RESTAURANTE PIZZARIA CHURRASCARIA SAUNA • MOTEL VIA ANHANGUERA, KM. 72

FOTO LUIZ Agora em novas instalações. Rua São José, 22

FOTO GELLI Rua do Rosario, 334 Fone 4-2253

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone: 434-8648

Jornal do Livro

Não se pode dizer que seja um velho escritor em busca de uma oportunidade nunca antes encontrada, mas também não se pode afirmar ser um fenômeno da literatura. O fato é que Jamel Omar Taha, 20 anos, escreveu um romance intitulado "Ilusão Traçoeira" e pretende publicá-lo o mais rápido possível.

Nos últimos dias, a luta de Jamel foi encontrar alguma editora disposta a arriscar com ele. Segundo o que disse, "umas estão cobrando preços absurdos e outras..." Por mais incrível que possa parecer, é a primeira tentativa mais séria no campo da literatura que ele impetrou.

Nascido em Jundiaí, de 74 a 75, Jamel passou na cidade de Foz do Iguaçu. Seus pais montaram comércio no Paraguai, mas ele preferiu estudar numa cidade brasileira. Nesse período, colaborou com o jornal e rádio daquele município. Aliás, já tinha experiência em rádio levada de Jundiaí.

No ano passado, além de estudar no Colégio Rosa, prestou serviços às duas rádios locais, como animador de auditórios, locutor e repórter. Aproveitou esse tempo para escrever seu primeiro romance. Ainda não contente, escreveu o segundo, cujo título é "Esperança Perdida".

Para Jamel, os melhores escritores são Machado de Assis, José de Alencar e Érico Veríssimo. Com relação à literatura, considera-a como melhor forma de expressão. Independente das qualidades ou não de sua obra, Jamel é corajoso em tentar publicá-la. Seu sucesso ou fracasso parecem detalhes muito pouco importantes para ele que quer apenas dar uma mensagem de otimismo e confiança em seu livro. Pode não ser o ideal, mas é o que Jundiaí tem agora. (K).



Jamel: em busca de editora.



Monique: no cinema cria-se mais.

Monique prefere o cinema

— Gosto muito de cinema porque a gente pode criar mais. Não é repetitivo. Todo dia é um local diferente, uma coisa diferente, uma pessoa diferente. Já o teatro, chega a um ponto que cansa. Você já falou de mil maneiras, já mudou mil vezes. Não tem mais como mudar.

Monique Lafond cansou de interpretar a figura de princesinha e fada boa, em teatro infantil. Com vinte e dois anos, já fez peças sérias, teatro infantil, cinema e televisão. Agora mesmo está filmando "Paixão e Sombras" com Walter Hugo Khoury, em São Bernardo do Campo, e sua agenda já está completa, com dois convites para filmar até janeiro do ano que vem. (Ela pode ser vista em "Com um Grilo na Cama", comédia que entra esta semana no Ipiranga).

Começou no teatro aos onze anos, em "Música, Divina Música", versão da "Noiva Rebelde", onde cantava e dançava. Depois, trabalhou em "Pais Abstratos", de Pedro Bloch, junto com Glauce Rocha, Darlene Glória, Jorge Dória e Luis Guilherme.

Quem mais a incentivou a seguir a carreira foi a mãe, que queria ser bailarina, "mas não pôde e, por isso, transferiu sua ambição artística para mim".

Filha única entre três irmãos homens, Monique aceitou bem o interesse da mãe em transformá-la em artista.

— Os trabalhos foram sur-

gindo naturalmente. Sempre gostei muito, porque você esquece o cotidiano, vive outros personagens, faz mil coisas que normalmente não faria.

No cinema trabalhou, além de "Com um Grilo na Cama", em "Ascensão e Queda de um Paquera", de Victor Di Melo; "As Moças Daquela Hora" (já apresentado em Jundiaí), de Paulo Porto; "Até que o Casamento nos Separe", de Vera Barreto Leite; "Enigma para Demônios", de Carlos Hugo Christensen; "Ipanema, Adeus", de Paulo Roberto Martins; e "Motel", de Alcino Diniz. Isso, filmes para adultos. Para crianças, "Aladim e a Lâmpada Maravilhosa", "Robin Wood", "Salve-se Quem Puder", de J.B. Tanko e "Ladrão de Bagdá", e "Pequeno Polegar, de Victor Lima.

Quem assiste televisão deve conhecer Monique Lafond por seu papel em "A Moreninha" e "Bravo".

Monique de Gormas Lafond é filha de franceses que vieram para o Brasil durante a guerra. Para ela, o artista deve aparecer sempre, mesmo que seja só fazendo comerciais:

— Finalmente, o comercial é bom, além de rápido. Tem veiculação pela televisão, você parece sempre, o que é bom. Pois as pessoas esquecem rápido. Aí o mercado para o cinema e o teatro melhora.

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 — 60,00
Bola futebol n.º 2 — 74,00
Bola futebol n.º 3 — 97,00

AÇOUGUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone 6-4880

VARIEDADES



PROGRAMA

Clube Jundiaense: dia 21, às 15 e 21 horas na sede central, será encenada a comédia "Mulheres, Mulheres, Maridos à parte", com Cazzarré e elenco. Censura: 18 anos. Sábado, baile de formatura com "A Kripta", e domingo brincadeira dançante com o mesmo conjunto.

Grêmio: dia 22, baile pré-carnavalesco com a "Orquestra City Swing". Traje esporte. Domingo, brincadeira dançante com o "Electra Sound".

Caxambú: Baile da Ternura no sábado, com "Biel Boys".

Banda: dia 22 das 23 às 4 horas, baile pré-carnavalesco com o conjunto "Brazilian Band Show". Domingo brincadeira com o "Super Kings".

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira Moraes, 242
Fones: 434-1067, 434-1777

UNIDADE VILA ARENS
Rua Frei Caneca, 162
Fones: 436-3260, 436-6704

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1.372
Fone: 434-3998

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória s/n.o - J. Messina
Fones: 434-1056, 434-1666

Textos
Desenhos
Anúncios
Logotipos
Folhetos
Cartazes
Comunicação Visual

Rua Dos Bandeirantes, 633
Fone 6-8069 Jundiaí

DECIO DENARDI

ASSINE O JORNAL DE 2ª

disque: 434-8648



KAFKA; MON AMOUR

Juro que eu ouvi a notícia, na Rádio Eldorado: dois serventes do hospital "Getúlio Vargas", de Teresina (PI) foram demitidos por estarem envolvidos num grupo - com enfermeiros, inclusive - que apressava a morte de enfermos de doenças mais graves.

Eutanásia? Nada. A turma mantinha uma transa com uma funerária da cidade e recebia comissão por cada ver entregue. (E.M.)

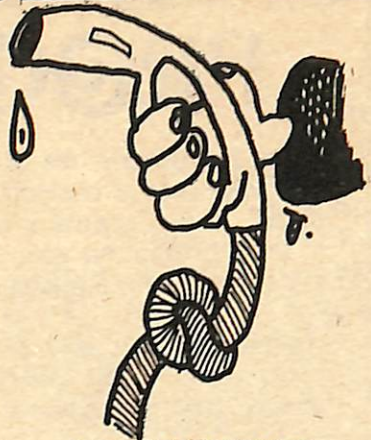


Na inominável página social do JC, do dia 11 passado, saiu uma linda garota na seção "Poster". A menina realmente era muito bonita.

Escreveram que ela, "como leitora, aprecia os livros de Érico Veríssimo e o que mais gostou foi "Rosinha, Minha Canoa". Bem, em primeiro lugar, Érico nunca teria coragem de escrever algo semelhante, cujo autor sempre foi o Zé Mauro de Vasconcelos. Em segundo lugar, quem gosta da obra do Érico dificilmente perderia tempo com o Zé Mauro. É uma pena, tão bonita mas... (K)

PRA CUCUIA

Só queria ver onde ia parar o quarto lugar do Emerson Fittipaldi no Grande Prêmio da Argentina se ninguém tivesse saído da corrida. (K)



BOM EXEMPLO

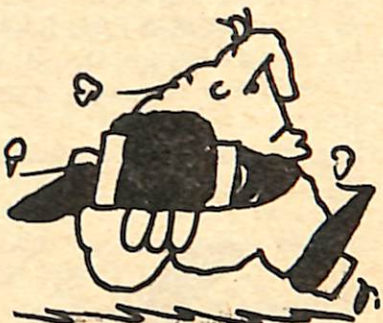
A Prefeitura reduziu em 60 por cento seu consumo mensal de gasolina. Desde que começaram a ser divulgadas as notícias de que o governo estava estudando medidas para economizar combustível, o prefeito, numa atitude digna de elogios mandou que ele próprio, todo o seu secretariado e os funcionários graduados da Prefeitura pagassem de seu próprio bolso a gasolina que gastassem carros oficiais.

Foram excluídas do programa as ambulâncias, os caminhões de limpeza pública e os carros que distribuem a merenda escolar. Parabéns, prefeito!

Ah, ia me esquecendo: a Prefeitura é a de São José do Rio Preto. (AF)

COISAS DA VIDA

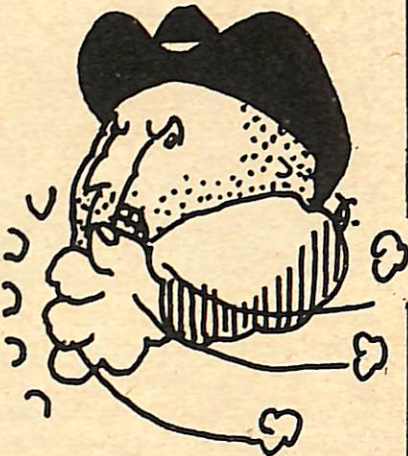
Um rapaz foi preso no dia 12 quando tentava roubar o disco "Estúpido Cupido", do Jumbo, que custava 68 paus. Melhor que qualquer cela ou qualquer "pau-de-arara" seria instalar um "headphone" no moço e tocar o disco só pra ele ouvir durante o resto da vida. É um castigo pior do que a tortura chinesa. (K)



ONTEM E HOJE

Antigamente, os mocinhos davam tiros, socos, pontapés e beijos nas mocinhas durante os seriados nas matinês dos cinemas e a criança gostava. Agora, guapos rapagões dão, tiros, socos, pontapés e beijos nas mocinhas durante os seriados na televisão. Só que é um monte de adultos que fica vendo até por volta da meia noite.

Isto posto, nos vem o seguinte raciocínio: se os heróis são semelhantes, se bem que os atuais não têm a antiga aura de inocência, era de esperar que as crianças assistissem. Como não são elas, fica uma pergunta: será que a audiência é formada por retardados mentais? (K)



PRA FRENTE, IPIRANGA!

A Associação Atlética Ipiranga comprou um patrimônio há 12 anos e agora já conta com 4 mil sócios e mais dependentes, que dá cerca de 12 mil frequentadores, mas tem um grave problema: a necessidade de ampliação do clube, pois não comporta todo esse número de associados.

Para resolver este problema, o clube pretende comprar uma área para a construção do clube de campo. O terreno em vista fica entre Jarinu e Campo Limpo.

Sua sede central se localiza na avenida São Paulo e realiza baile todos os sábados das 23 às 4 horas e aos domingos brincadeira dançante das 20 às 23 horas.

A atual administração está constituída por: Lázaro de Almeida, presidente; Geraldo Pereira, vice-presidente; Guilherme Balbin, secretário geral; Armando Trevisan, tesoureiro; Fausto Corrêa, diretor social; Luiz Nogueira é Sebastião Rodrigues, relações públicas; Archimedes J de Almeida, diretor de patrimônio; Luiz Dematei e Roberto Zariho, diretores de promoção; Laerte Finati, diretor de construção e melhoramentos; Emilio Bileki, Laércio Camargo, diretor de esportes; Dr. Edmir Sampaio Duarte e Dr. Antonio Carlos Bizarro, do departamento jurídico.

PALMAS PRA MIM

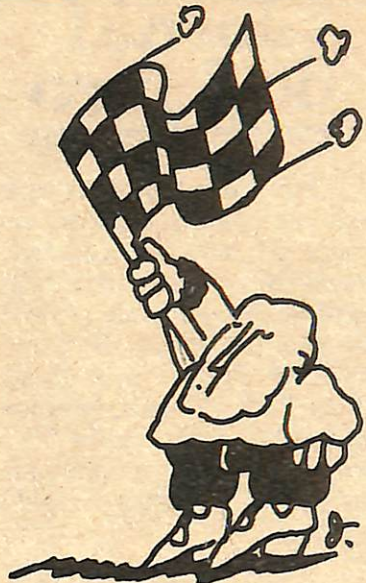
Na televisão já há algum tempo, está passando uma propaganda do INPS onde aparece uma porção de gente humilde falando bem do indesculpável instituto. É o tal negócio, se o INPS não falar bem dele mesmo quem o fará? Você já ficou na fila das 5 horas da manhã até às 10 pra conseguir uma guia? Você que não enxerga e não tem disposição pra enfrentar a fila do oftalmologista do instituto? Você que se consultou com o médico em apenas dois minutos? (K)



LICENCIOSIDADES

O jornalista Bernard Levin, do The Times, conta num artigo publicado também no Jornal do Brasil algumas das acusações feitas à viúva de Mao Tsé Tung, Chiang Ching. Uma delas: "Afirma-se, por exemplo, que Chiang Ching providenciou, para satisfazer seu prazer decadente, a importação de filmes licenciosos e pornográficos como "A Noviça Rebelde", e "E O Vento Levou" e "O Conde de Monte Cristo".

Não, "Pinóquio" e "O Mágico de Oz" não entraram na lista. (AF)



A CORRIDA DO ANO

Enquanto Ibis Cruz, com vistas à deputação, espalha livreto de propaganda ("Conheça melhor Jundiá", ou qualquer deslavadeza pelo estilo), o deputado federal Herbert Levy (Arena-SP), falando ao "Estado de S. Paulo", disse lamentar que a Revolução não tenha conseguido combater a corrupção nas áreas municipais. E acrescentou: "Tenho informações a respeito de quatro prefeitos do interior que estão dilapidando o erário público de suas cidades". E nada mais disse nem lhe foi perguntado.

Está, assim, dada a largada para o Grand Prix 78: quem ganhará? o homem "que tem pretígio em Brasília", ou a própria Brasília? Façam suas apostas, senhores, que o tempo é exíguo. (E.M.)

A INVASÃO DOS MACACOS

Quinta-feira passada, as ruas da cidade foram invadidas por um bando de macacos que desfilou tocando desafinadamente alguns instrumentos musicais. Passada a surpresa inicial, os chamados transeuntes ficaram sabendo que se tratava de uma propaganda do filme "O Trapalhão no Planalto dos Macacos".

Aguarda-se com ansiedade o pessoal que vem fazer a propaganda do filme "Socorro! Eu não Quero Morrer Virgem!" (AF)

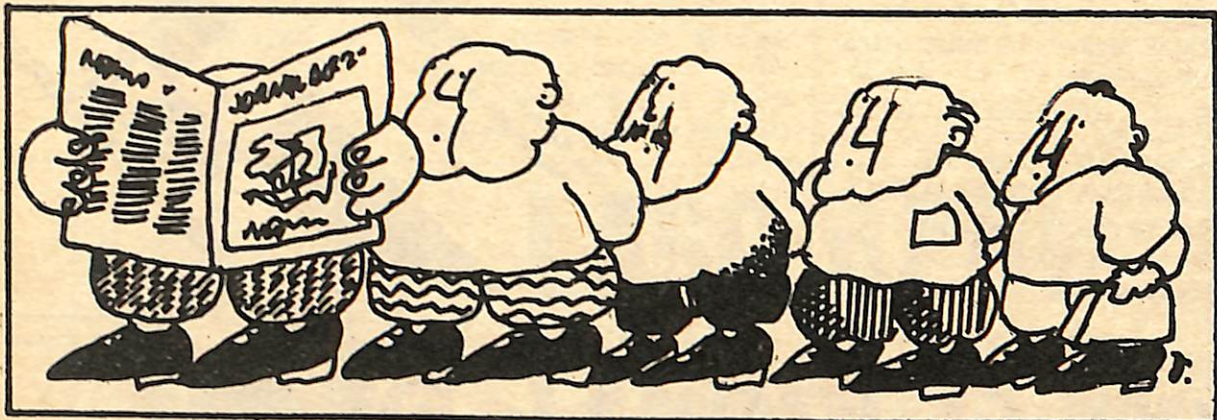
Ô, CABEÇA!

A besta aqui esqueceu de assinar as fotos (exceto as cedidas pelos entrevistados) que saíram na semana passada. Para que não parem dúvidas com respeito à autoria, elas foram tiradas por Renato Bezzan. E tem mais: as fotos deste número também são dele. (Kazuo)

AULAS DE ITALIANO

Os interessados devem tratar pelo telefone 436-2131.

ASSINE O JORNAL DE 2ª.



UM JORNAL DE MUITA COR E MUITO PRETO NO BRANCO.



OK, MR. CUSTER

No fim da semana atrasada, uma assembléia de caciques indígenas, reunida na missão dos padres da Consolata, no Rio Surumu (Roraima) foi dissolvida pela Funai, com auxílio da Polícia Federal - segundo noticiou a "Folha de S. Paulo" (11.1.77). Os caciques tentavam encontrar, conjuntamente, uma solução para o problema da invasão de suas terras por fazendeiros da região.

"A paz se faz com quem ama o mesmo solo", disse um campônio à sua amada" (E.M.)

MUITO INTERESSANTE

No mesmo instante em que a Rede Globo criava sua campanha "É hora de confiar", a Censura Federal proibia que fosse para o ar os trinta e seis capítulos já gravados da sua ex-futura novela "Despedida de Casado".

Como diria vovó: "O otimista é, antes de tudo, um otimista". (E.M.)

RETÍFICA

No número passado, a matéria "A cidade vai mal de saúde", página 2, saiu trunca na parte que fala da Faculdade de Medicina e no possível interesse de sua diretoria em anexá-la a uma universidade estadual.

Repetimos o trecho da matéria, devidamente corrigido:

"Uma tônica marcou todas as administrações do Hospital São Vicente, desde o afastamento do Dr. Toledo: o interesse na desvinculação da Faculdade de Medicina do hospital.

"Segundo os mesmos observadores, o desvinculamento começou por interessar à própria Faculdade, já que a falta de um hospital-escola favoreceria a inclusão da Faculdade de Jundiá na recém-criada UnESP, uma universidade estadual que unificou diversos Institutos isolados do Estado".

Perdão leitores, (E.M.)

Apartamento na Praia Grande Aluga-se.

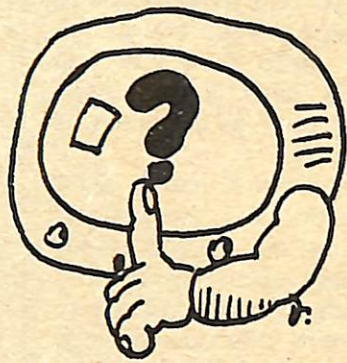
Acomodações até 9 pessoas. Tratar com Irineu Romanatto Filho - Av. Alvaros de Azevedo, 403 - Fone: 436-2832.

De frente para o mar. Lugar sem poluição ao lado do Aeroporto.

COMUNICAÇÃO NO ÉTER

Na edição do dia 6 de janeiro, nosso amigo Don Casmurro (?) publicou no "Jornal da Cidade" um recado ao presidente do Paulista, Wanderley Pires, sugerindo que ele trabalhe em sigilo, "nada divulgando antes da concretização dos negócios" (isso mesmo: jornalista sugerindo sonegação de informação); mais: falatório diário apenas para encher espaço". eles - o JC - não publicam.

Enquanto isso, naquele emissora de Camanducaia... (AF)



AVISO AOS NAVEGANTES

Conscientes que somos de nossa missão altamente esclarecedora, fornecemos o material mínimo indispensável a quem for usar algum dos coletivos da Auto Ônibus Três Irmãos, cujos motoristas estão com um pé na tábua lascado.

Esta é a lista: capacete, para proteger a cabeça de batidas contra o teto; paraquedas, para amortecer as sacudidas; estojo de pronto-socorro, para os eventuais ferimentos com varetas de guarda-chuva, fechos de bolsas e similares; proteção para os dentes usada pelos boxeadores, para possíveis cotoveladas e batidas com a boca na nuca do passageiro da frente por causa de freadas bruscas;

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone: 434-8648

Engov, para os bêbados; Bíblia, para dar coragem de entrar nos ônibus; fralda, se a coragem não for suficiente; algemas, para prender alguma mão-boba que aparecer; e um padre, para dar extrema-unção porque do jeito que os motoristas correm pelas ruas esburacadas da cidade qualquer dia eles conseguem provocar desgraça. (K)

PENSAMENTO POSITIVO

"Os cães pastores somente ladram quando a carrocinha está passando na rua de baixo, ou em cima dos seus rabinhos". (E.M.)



HISTÓRIA

A "Folha de S. Paulo", está (estava, pelo menos até a semana passada) publicando trechos inéditos do depoimento do general Carlos Luiz Guedes sobre o movimento que preparou a derrubada de Jango, em 1964.

Vale a pena ver os números atrasados do jornal, bem como acompanhar o que virá. (E.M.)

...E DÁ-LHE:

Um trechinho gozado do depoimento do general Carlos Luiz Guedes, que a "Folha de S. Paulo" está publicando. Em reunião com a presença do senador Milton Campos, quando se decidiram detalhes da derrubada de Jango da presidência, o general achou que "se servia whisky em abundância".

"Lembrei ao doutor Milton Campos que estava havendo muito whisky na revolução, e que até o avião que me transportara, dias antes, a Juiz de Fora, dispunha de um bom provimento de garrafas e gelo. Ao que o senador respondeu, bem humorado: - "Nem só os aviões precisam reabastecer-se, general" (E.M.)

CONSTRUTORA JUNDIAÍ LTDA.
r Siqueira de Moraes n 578
8 andar conjunto 801 C

FOTOCOPIADORA MALTONI



TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618

Fone - 6-8460

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR

E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO



Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398, 434-6598 e 434-6798.

Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiá
RUA MARCÍLIO DIAS, 299 fone, 434-1763

VESTIBULAR 77

INSCRIÇÕES: ABERIAS * TODOS CURSOS RECONHECIDOS

EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO/77

ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS português / inglês (licenciatura plena)
CIÊNCIAS - DIREITO - PEDAGOGIA: administração escolar 1º 2º 9 aus e magisteri

A diretoria do Uirapuru pediu prestação de contas. E foi demitida.

MAS A DIRETORIA NÃO ACEITOU A MEDIDA E VAI RECORRER JUDICIALMENTE PARA OBTER AS CONTAS DA AC.

Tudo começou quando a diretoria do Uirapuru Country Club pediu a AC — Administração de Clubes que prestasse contas de sua gestão. Daí, após uma série de medidas extra-judiciais, algumas explicações e providências, os diretores foram destituídos. Mas não aceitaram a medida e agora recorreram a um advogado que está cuidando do caso. De qualquer forma, ambas as partes de arrogam defensoras dos direitos dos quase quatro mil associados.

HISTÓRIA

No dia 15 de janeiro de 1967, a Creso — Imóveis e Administração, sediada em São Paulo, firmou um contrato onde se propunha construir o clube em troca dos direitos de venda de 4.500 títulos de sócio.

O contrato, entre outras particularidades, dá direito a incorporadora Creso de um controle total sobre o clube até que sejam vendidos e pagos inteiramente todos os títulos. A partir daí, o documento prevê uma assembleia geral para a entrega do clube aos associados.

Enquanto a venda não se completar, a Creso nomeia e destitui a diretoria a seu inteiro critério sem que sejam preciso dar qualquer motivo. Além disso, designa uma pessoa para ser uma espécie de gerente do clube.

Em 1973, a AC — Administração de Clubes, sob a direção de Aniceto Pinal Caetano (Sadi Caetano) foi contratada pela incorporadora para vender os títulos remanescentes na época. Segundo Sadi, também nomeados gestor, o Uirapuru tinha muito pouco para oferecer (apenas uma piscina e restaurante), então a Creso abriu mão de 40% dos títulos para que as outras obras fossem completadas.

O direito de vender os títulos impunha a AC a obrigação de fazer uma piscina de adultos não olímpica, conclusão das piscinas infantis, sauna e duchas, vestiários, dez chalés, salão de recreação infantil, salão de beleza, entre outras obras. Entretanto, em agosto do ano seguinte, a AC mandou um relatório a Creso esclarecendo que algumas das construções não seriam necessárias.

Sadi garante que para a AC seria muito importante gastar menos para que tivesse mais lucros, o que realmente acontece. Diz ele que, em compensação, construiu fora do contrato uma série de benfeitorias.

Tudo isso ele afirma estar devidamente contabilizado. Mas, a diretoria encabeçada por Jairo Silva entendeu que a AC deveria prestar contas depois de tantas mudanças nos planos das obras. Isto lhes pareceu um direito já



Jairo Silva

que se estava jogando com o dinheiro dos associados.

Segundo o presidente, nunca puderam ver e analisar os gastos que estavam sendo feitos e nem tinham qualquer informação concreta com relação à venda dos títulos para saber quando o clube seria entregue pela incorporadora. Diante disso, resolveram solicitar as contas.

Jairo afirma que, no princípio, tentaram por vias amigáveis, mas Sadi não teria nem tomado conhecimento do pedido. Como a situação ficou insustentável, ele desfez a sociedade que mantinha com a AC.

Como já tinha conseguido a adesão de todos os diretores, o pedido de prestação de contas acabou sendo feito extra-judicialmente. Sadi foi notificado no dia 28 de dezembro. A diretoria deu um prazo de cinco dias para ele colocar a sua disposição, na sede, todos os registros de sócios, cadastro geral, todos os livros e documentos da sociedade e o balancete de novembro de 75 a novembro de 76, demonstrativo da receita e despesa, dívida ativa e passiva e o relatório pormenorizado e claro das benfeitorias realizadas durante seu exercício.

No dia seguinte, Sadi enviou a resposta, onde classificou de "esdrúxula" a notificação. Esclareceu que "na qualidade de, contratado da Creso e do Club, não sou depositário desses ditos documentos, os quais, contrariamente, estavam sob a guarda normal da Diretoria, no escritório da cidade ou, então, como é usual, com o contador a parte competente".

Mas isso é energeticamente contestado pela diretoria, que alega nunca ter tido qualquer contato com esses documentos, motivo do pedido para vê-los.

O caso entre os diretores do Uirapuru e Sadi já havia, nessas alturas, chegado ao conhecimento da Creso. Através do Fórum de Jundiá, foram notificados de que haviam sido destituídos do cargo, poder delegado à incorporadora pelo contrato.

Nas seis laudas dessa notificação, os advogados da Creso fizeram constar que Sadi, ao assinar o contrato com a incorporadora, sugeriu que um membro de sua própria equipe assumisse a presidência. Isso foi aceito e Jairo Silva começou a ocupar o car-



Dr. Altamir Goulart

go em novembro de 1975. Contudo, conforme diz o documento da Creso, com data de 22 de dezembro de 76, "há dias, entretanto, surgiu desentendimento entre os srs. Aniceto Pinal Caetano e Jairo Silva quanto a aspectos financeiros assunto totalmente estranho à Incorporadora Creso e o Uirapuru Country Club".

Dessa forma, a incorporadora achou que o problema entre os dois acabou envolvendo a diretoria do clube, "ocasionando reflexos negativos de toda a espécie". E esse é o motivo alegado para que destituiu toda diretoria. Sobre o pedido de prestação de contas, nenhuma linha foi incluída no documento.

O caso do desentendimento entre Sadi e Jairo tem muitas outras implicações e envolve, como declarou a própria incorporadora, "não só valores materiais de elevada monta como também outros inestimáveis".

Há muitas perguntas que todos estão se fazendo mas as respostas não tem sido fáceis de encontrar. Em primeiro lugar, Jairo falou que não poderia manter a sociedade com Sadi porque "não dava para trabalhar na mesma sala em que estava o sujeito que eu achava, como presidente, que devia contas e não queria prestá-las".

Por outro lado, Sadi, usando inclusive de um vocabulário bastante pesado, acha que estão querendo prejudicá-lo e justamente aqueles com quem tinha trabalhado e até fornecedores do Uirapuru. E nessa história toda, o mais abalado parece ser ele mesmo, que tomou uma série de providências a partir do pedido de prestação de contas.

Uma dessas medidas, teria sido a convocação que um grupo de associados fez para que mostrasse a situação do clube. Isso era para ter ocorrido no último dia 5, no Uirapuru, às 20 horas. Entretanto, o porteiro, o sorveteiro Elias e o responsável pelos empregados impediram a entrada de um dos diretores, o sargento Sebastião Luiz Rodrigues, e do associado Antonio Tavares, alegando que Sadi havia dado ordem para ninguém entrar e que a reunião teria sido adiada.

Na segunda-feira, dia 10, o advogado da diretoria, Altamir de Almeida Goulart, recebeu a imprensa para alguns esclarecimentos. Em princí-



Sadi Caetano

pio, o advogado considera que a AC terá de prestar contas, mesmo porque não há nenhuma razão para que isso não seja feito já que todos esperam estar os documentos em ordem.

No entanto, não é essa a opinião de Jairo, que gostaria muito de ter as contas em mãos para que sejam respondidas algumas questões que se mantém obscuras demais. Por exemplo, a Petrobrás desapropriou cerca de 10.710 metros quadrados do clube, pagando em março de 1971. Conforme disse o presidente, a empresa estatal pagou Cr\$. 247.225,60 à Creso. Mas, se o terreno pertencia ao patrimônio do clube, essa importância deveria ter sido revertida em seu benefício, o que não aconteceu.

Outro esclarecimento que ele gostaria é quais os motivos que levaram a AC a trocar uma aparelhagem de som que foi comprada a 12 mil cruzeiros por um simples aparelho receptor de Freqüência Modulada.

E, principalmente, quer saber quantos títulos já foram cancelados e quantos são os sócios atualmente para terem uma idéia de quanto poderão os sócios ficar com o clube em suas mãos. Jairo aponta mais normalidades: uma sindicância aberta pela diretoria para a apuração dos sócios irregulares foi barrada sem que ninguém soubesse o motivo. Há também coisas pequenas: teria sumido um dos três relógios de parede pertencentes ao Uirapuru.

Parecendo bastante informado sobre os passos da diretoria, Sadi Caetano, ao ser procurado pelo J 2a. na manhã de terça-feira passada, não poupou os esforços e nem palavras para explicar sua posição. Quem começou a entrevista foi ele mesmo: — Foi você que esteve lá no Uirapuru quarta-feira? O sargento Rodrigues estava bêbado?

O sargento não estava bêbado. Pelo menos parecia bastante sóbrio naquela noite para mostrar discretamente alguns documentos que pretendia exibir durante a reunião que não aconteceu.

Na terça-feira, Sadi fez questão de tirar de sua mala, além do revólver que apareceu em sua mão durante alguns instantes, o rascunho de uma circular que iria man-

dar fazer para dar aos associados do Uirapuru. Era exatamente aquilo que a diretoria pretendia, só que apareceram apenas os gastos maiores e um esboço do balancete, onde constam as receitas e despesas de sua gestão, de acordo com relatórios fornecidos pela AC à Creso. Nos exercícios de 73, 74 e 75, o Uirapuru foi deficitário. Mesmo assim, constam melhorias feitas com a receita da troca de aparelhagem de som, venda de móveis e utensílios, venda de cavalos e charrete, taxa de manutenção e outros.

Para Sadi, a história do Uirapuru tem que ser dividida em duas fases: antes e depois da AC. Tanto acredita nisso que colocou sua firma "à disposição em qualquer dia, horário e local para a prestação de suas contas, amigável ou judicialmente desde que essa convocação seja feita legalmente ou pelo menos decentemente". Ele fica irritado quando fala de seus antigos companheiros:

— Eles estão querendo saber. Mas eles estão lá e eu aqui. Quem quiser saber das contas da AC que venha até aqui e não fique com essa coisa de porta de botequim, de prostituta.

Sadi acha que estão fazendo uma campanha difamatória contra ele que diz não ter nada o que esconder:

— A hora que eu provar a quem de direito, a hora que entregar as contas de 76, vou me afastar do Uirapuru porque nunca tive pretensão de me perpetuar no cargo de administrador.

Enquanto nada de definitivo se resolve com relação à diretoria, aparentemente são os associados que já começaram a ganhar: foram feitos alguns melhoramentos pelo administrador Sadi que inclusive providenciou um abaxo assinado que se encontra no escritório da cidade onde os sócios afirmam estar tudo bem.

Mas não é tão simples assim. O dr. Goulart explica que, pelos estatutos, a Creso tem direito de nomear a diretoria que, se começar a interferir demais, pode ser destituída. Em relação a venda dos títulos, enquanto não forem devidamente quitados os 4.500, a incorporadora continua.

E como os sócios ficarão sabendo quando terão o clube se a diretoria é apenas "de fachada" e a venda dos títulos foi entregue a AC, que também pode cancelá-los caso haja atraso de três mensalidades, por falta de pagamento ou até mesmo falta de cobrança? Na verdade, afirma o advogado, "este é um jogo de cartas marcadas, onde a Creso deve sempre ganhar".

Carlos Kazuo Inoue